

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
INSTITUTO DE LETRAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS

JULIANA PAULA BRAGGIO ZORAWSKI

A CULPA DA PERSONAGEM LUÍS DA SILVA DO ROMANCE
ANGÚSTIA DE GRACILIANO RAMOS

PORTO ALEGRE

2009

JULIANA PAULA BRAGGIO ZORAWSKI

**A CULPA DA PERSONAGEM LUÍS DA SILVA DO ROMANCE
ANGÚSTIA DE GRACILIANO RAMOS**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Letras, pelo Curso de Letras - Português e Literatura Portuguesa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Profa. Dra. Márcia Ivana de Lima e Silva

PORTO ALEGRE

2009

JULIANA PAULA BRAGGIO ZORAWSKI

A CULPA DA PERSONAGEM LUÍS DA SILVA DO ROMANCE
ANGÚSTIA DE GRACILIANO RAMOS

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciado em Letras, pelo Curso de Letras - Português e Literatura Portuguesa da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Profa. Dra. Márcia Ivana de Lima e Silva

Aprovado em ____/____/____

BANCA EXAMINADORA:

Profa. Dra. Gilda Neves da Silva Bittencourt – Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Prof. Dr. Antônio Marcos Vieira Sanseverino - Universidade Federal do Rio Grande do Sul

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	4
2 ANGÚSTIA	6
2.1 Luís da Silva	6
2.2 O crime	10
3.3 As consequências do crime para Luís da Silva: o sentimento de culpa	11
3 TEORIAS SOBRE A CULPA	18
3.1 Estudos de Moacyr Scliar sobre a culpa.....	18
3.2 Estudos de Sigmund Freud sobre a culpa	20
3.3 Estudos de Friedrich Nietzsche sobre a culpa	24
4 MOTIVAÇÕES DE LUÍS DA SILVA PARA COMETER O ASSASSINATO.....	27
4.1 Primeira hipótese: Redimir a sociedade.....	27
4.2 Segunda: Livrar-se de seu rival Julião Tavares	30
4.3 Terceira: Luís da Silva já era vítima do sentimento de culpa antes de cometer o crime	33
4.3.1 Raskólnikof e Luís da Silva	34
4.3.2 Destinos distintos – Redenção.....	36
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	39
REFERÊNCIAS	42
BIBLIOGRAFIA	43

1 INTRODUÇÃO

Neste trabalho proponho-me fazer uma análise do comportamento da personagem Luís da Silva, do romance *Angústia* (2005), de Graciliano Ramos, e das suas condutas ao longo da vida, relatadas por ela própria, personagem-narrador na obra. Luís da Silva apresenta a mente perturbada e a angústia, da qual é vítima e que dá nome à obra, acompanha-o durante todo o romance, antes e depois do assassinato que cometeu. Meu propósito é mostrar, pois, que Luís da Silva sente culpa por ter matado Julião Tavares. Constatada a culpa, buscarei abordar, investigar e discutir as origens e o processo psíquico do sentimento de culpa que o mortifica. Uma vez que a prática do crime torna a vida de Luís da Silva um tormento, desenvolverei um estudo a respeito das motivações que o levaram a cometer o assassinato. Para tanto, elaborarei três hipóteses e discorrerei a respeito dessas possibilidades, a fim de chegar o mais perto possível do entendimento das atitudes e do cerne de Luís da Silva.

Dada a complexidade desta personagem, para interpretá-la buscarei auxílio nos conhecimentos de alguns teóricos a respeito do tema, principalmente Sigmund Freud, que não poderia ser ignorado quando o assunto é culpa.

Usarei diversos trechos de *Angústia* para ilustrar o que constato bem como bibliografia de diversos pesquisadores que se debruçaram sobre Luís da Silva e nele também perceberam, ou culpa, ou, no mínimo, indícios de perturbação, devidos ao crime que cometeu.

Foram muitos os estudiosos que analisaram a obra literária de Graciliano Ramos, de forma que a fortuna crítica é muito vasta e há muita divergência de opiniões a respeito. Assim, selecionei para leitura e abordagem as obras que se mostraram interessantes ao meu estudo, ciente, no entanto, de que muitas outras havia. O tempo e a natureza deste trabalho, que não consiste em uma pesquisa tão aprofundada quanto um trabalho de mestrado ou doutorado, foram os impedimentos para uma exploração mais minuciosa do assunto e para a contemplação de um maior número de trabalhos referentes ao romance escolhido.

Sendo assim, o trabalho é composto de cinco capítulos, divididos em subcapítulos, de acordo com os pontos selecionados para o estudo. No primeiro capítulo, este portanto, há uma breve apresentação do trabalho, de sua estrutura e objetivos; no segundo, o propósito é apresentar o romance *Angústia* e a personagem Luís da Silva, bem como seu sofrimento com a culpa que a domina. O terceiro capítulo, mais teórico, traz uma breve síntese do pensamento de Moacyr Scliar, Sigmund Freud e Friedrich Nietzsche sobre a culpa; no quarto, lanço

hipóteses acerca de possíveis motivações que conduziram a personagem à prática do crime, bem como, faço uma comparação de Luís da Silva com Raskólnikof¹, uma vez que *Angústia* e *Crime e Castigo* (1994), de Dostoiévski², possuem estreita comunicação, apontando diferenças e semelhanças entre seus comportamentos. As hipóteses lançadas e esse paralelo entre as obras colaboram para que se interprete o sentimento de culpa da personagem, principal propósito deste trabalho, e assim possa ser construída a conclusão, trazida no quinto capítulo.

O mundo das obras de Graciliano é subjetivo, está no interior das personagens. Dito de outro modo, seus romances diferem um tanto de grande parte da literatura, por explorarem mais detidamente o universo psicológico e individual das personagens de forma a concentrarem sua abordagem mais nesses subterrâneos que em acontecimentos. Neles nos são apresentados monólogos interiores das personagens, que sempre travam lutas mortais com suas consciências. A partir desses dramas, surgem lacunas que permitem que a personagem seja estudada mediante um viés psicológico, aspecto que desejo explorar em Luís da Silva, personagem-narrador de *Angústia*.

1 Para este trabalho esta foi a grafia adotada para o nome da personagem de *Crime e Castigo*, no entanto, aparecerão variações (Raskolnikov, Raskolnikof, etc.), de acordo com as diferentes grafias adotadas por outros escritores.

2 Para este trabalho esta foi a grafia adotada para o nome do escritor russo, no entanto, aparecerão variações (Dostoiévski, etc.), de acordo com as diferentes grafias adotadas por outros escritores

2 ANGÚSTIA

Publicada em 1936, *Angústia* é a terceira das obras de Graciliano Ramos de maior vulto em ordem de publicação e figura dentre as mais respeitadas. As personagens dos romances de Graciliano são dotadas de grande complexidade, são tridimensionais e constituem universos ricos a perscrutar. Dentre esses seres fictícios, Luís da Silva, protagonista do romance, é um grande representante de um ser complexo, envolto em suas próprias tramas e perturbações.

Angústia é o estado permanente de Luís da Silva. Esse sentimento, no entanto, agrava-se à medida que ele vai perdendo o pouco que possui - o amor de Marina e os amigos, que já não eram muitos – tendo em vista que se isola em casa após ter ingressado em vida culpada, isolamento que é a alternativa encontrada após a prática de assassinato.

O romance *Angústia* tem como protagonista Luís da Silva, que é um indivíduo do interior de Alagoas que vai morar na capital onde se emprega em uma repartição pública realizando tarefas burocráticas. Enamora-se de Marina, sua vizinha, e, após mútuos e efetivos planos de casamento e despesas para o enxoval, perde a noiva para Julião Tavares, seu rival, sujeito gordo, falante, abastado, bacharel, conquistador, que a engravida, abandonando-a posteriormente. Luís sente-se pequeno e inferiorizado em relação a Julião Tavares e, após a perda da noiva, começa a nutrir um ódio mortal por ele. Esse sentimento vai tomando a forma de uma raiva, que cresce junto com a certeza de Luís de que seu concorrente deve morrer até que, em situação propícia, assassina-o. A partir desse fato, Luís da Silva, que já vivia atormentado e perdido em pensamentos e devaneios, começa a ficar cada vez mais perturbado, tem a impressão de que vão descobrir seu crime, sente que todos o olham estranhamente, falta ao trabalho e vive de forma a não mais conduzir a vida normalmente. Ao final do romance, encontra-se doente, atormentado pela sua consciência e em pleno estado de padecimento.

2.1 Luís da Silva

Luís da Silva julga-se um perdedor, um covarde, sente-se um verme, um desajustado no mundo, costuma esconder-se. Abomina seu trabalho, não tem orgulho de si próprio e é

completamente só, não consegue adquirir a postura de um homem e percebe-se incapaz de assumir posições.

O trecho abaixo revela um pouco da personagem na descrição que faz de si própria:

[...] tenho a impressão de que me faltam peças do vestuário. Assaltam-me dúvidas idiotas. Estarei à porta de casa ou já terei chegado à repartição? Em que ponto do trajeto me acho? Não tenho consciência dos movimentos, sinto-me leve. Ignoro quanto tempo fico assim. Provavelmente um segundo, mas um segundo que parece eternidade. Está claro que todo o desarranjo é interior. Por fora devo ser um cidadão como os outros, um diminuto cidadão que vai para o trabalho maçador, um Luís da Silva qualquer (RAMOS, 2005, p. 25-26).

Um homem perdido, desajustado, desequilibrado. Essa é a noção que nos dão seus próprios relatos, uma vez que ele é o próprio narrador da obra. “Tenho vivido em numerosos chiqueiros. Provavelmente esses imóveis influíram no meu caráter.” (RAMOS, 2005, p. 46) Tampouco aprova Luís as suas características físicas: “Além de tudo sou feio. Perfeitamente, tenho espelho em casa. Os olhos baços, a boca muito grande, o nariz grosso.” (p. 41). Suas palavras transmitem uma completa desaprovação e desgosto de si mesmo. Com efeito, ao longo de toda a obra, o monólogo de Luís traz o passado, intercalando-o com o presente e cogitando o porquê da sua desgraça, da sua condição de desalinhamento junto ao meio social. Seus pensamentos escancaram o medo, o desconforto e o desequilíbrio que o perturbam. “Vivo agitado, cheio de terrores, uma tremura nas mãos, que emagreceram. As mãos já não são minhas: são mãos de velho, fracas e inúteis. As escoriações das palmas cicatrizaram” (p. 8).

Antonio Candido (2006, p. 47) diz que Luís da Silva é a personagem mais dramática da moderna ficção brasileira: “Raras vezes encontraremos na nossa literatura estudo tão completo de frustração”. Luís é, para Candido, “um frustrado violento, cruel, irremediável, que traz em si reservas inesgotáveis de amargura e negação” (p. 47). No mesmo livro, acham-se dados bem pertinentes a este estudo, de acordo com Candido, acerca da personalidade da personagem de Graciliano: “[...] tímido e solitário, dotado de um poder mórbido de auto-análise, que o faz, em consequência, desenvolver um nojo impotente dos outros e de si mesmo” (p. 112). Acrescenta Candido que a caracterização de Luís da Silva é complexa. “Ele é por excelência o selvagem, o bicho, escondido na pele dum burguês medíocre” (p. 114) e que, no mesmo indivíduo Luís da Silva, colidem:

[...] um ser social, ligado à necessidade de ajustar-se a certas normas convencionais para sobreviver, e um ser profundo, revoltado contra elas, inadaptado, vendo a marca da contingência e da fragilidade em tudo e em si mesmo. Daí a incapacidade

de viver normalmente e o nascimento do senso de culpa, ou autonegação (CANDIDO, 2006, p. 114).

Medos e emoções terríveis acometem Luís da Silva. Candido menciona também as suas divagações, constatando-o um tanto perturbado:

[...] “o devaneio chegará em *Angústia* ao crispado monólogo interior, onde à evocação do passado vem juntar-se uma força de introjeção que atira o acontecimento no moinho da dúvida, da deformação mental, subvertendo o mundo exterior pela criação de um mundo paroxístico e tenebroso, que, de dentro rói o espírito e as coisas (CANDIDO, 2006, p. 27).

Candido (2006) compara Luís da Silva a outras personagens da literatura brasileira e cita Bento Santiago, dizendo que este possui certa complacência irônica ou piedosa, uma forma de perdoar-se a si mesmo; já em Luís o que se manifesta é uma depravação dos valores, sentimento de abjeção ante o qual tudo se colore de tonalidade corrupta e opressiva. “Faltalhe, na verdade, o mínimo de confiança necessária para viver” (p. 48). Na análise psicológica que Candido faz acerca de Luís, conclui que o protagonista de *Angústia* é um pessimista, possuído pelo negativismo, que a vida para ele “se torna um pesadelo sem saída, onde as visões desnorteiam e suprimem a distinção do real e do fantástico”. Daí resulta a fuligem que “encobre, suja, sufoca e dá desejos impossíveis de libertação” (p. 48).

Da mesma forma, Antonio Marcos Vieira Sanseverino no ensaio, *Dyonélio e Graciliano*, apresenta Luís da Silva como um ser inferior, subserviente, esmagado pelo mundo burguês. Neste trabalho apresenta-nos todo um estudo das semelhanças entre as personagens dos romancistas citados no título, quais sejam, Naziazeno, personagem principal do romance *Os ratos*, e Luís da Silva, que aqui nos interessa. Para o autor, ambos são “dois pobres coitados, funcionários públicos fracassados e frustrados” (SANSEVERINO, 1993, p. 29). Comparando-os, cita José Paulo Paes, quando os percebe representantes do “pobre diabo” na literatura brasileira. Este, segundo Paes, seria: “típico funcionário subserviente, que se coloca sempre abaixo, fazendo tudo e apenas aquilo que lhe é mandado. Sua atividade é meramente rotineira, no mais das vezes tarefa improdutiva, com a qual recebe os favores, salário, do Estado.” (PAES, 1990 *apud* SANSEVERINO, 1993, p. 28-29). Que Luís da Silva vive sem identidade própria, como diz Sanseverino, o próprio nome da personagem ilustra. Seu avô chamava-se Trajano Pereira de Aquino Cavalcante e Silva; seu pai, Camilo Pereira da Silva. Luís da Silva é simplesmente Luís da Silva, um nome comum, igual a milhões de outros brasileiros, ou seja, sem distinção no grupo, sem um espaço seu, sem identidade,

individualidade e, portanto, esmagado pelo peso grosseiro da sociedade. Ilustro melhor, transcrevendo Sanseverino:

Por seu turno, o narrador de *Angústia* é o próprio protagonista, Luís da Silva. Ele mesmo autodenomina-se de pobre diabo e percebe a posição acanhada (por dentro dela) em que se encontra. Ele é, além de funcionário público, escrevinhador de artigos para serem usados por outras pessoas. Ele vende sua habilidade técnica para assumir a voz de prefeitos e políticos do interior de seu Estado, ele assume a voz do dono como sua. Ao mesmo tempo, se vê incapaz de se assumir como empregado, como um trabalhador qualquer, porque não há mais uma linguagem comum. Seu modo de pedir cigarros ou bebida o afasta de outros frequentadores de um boteco qualquer (SANSEVERINO, 1993, p. 29-30).

A leitura de *Angústia* confirma o que dizem esses estudiosos, uma vez que Luís da Silva é o retrato do homem fraco, covarde, medroso.

No ensaio *Itinerário de uma Angústia*, de autoria de Simone Schmidt, também há uma percepção de que Luís da Silva vive em permanente estado de isolamento, o que a autora atribui ao desajuste da personagem no mundo em que vive:

A Julião Tavares cairia muito bem o papel do culpado pelos tormentos do protagonista, não fosse a desconfiança, sempre pairando sobre as palavras de Luís da Silva, de que a culpa, se existe, é informe e sem dono. A culpa poderia ser da cidade grande, onde foi encontrar o paradeiro quando seu pequeno mundo ruiu (estou feito um molambo que a cidade puniu demais e sujou.) Em outros momentos, Luís da Silva julga que a culpa por sua condição estaria em sua origem (SCHMIDT, 1993, p. 60).

A estudiosa afirma que essa personagem vive um tormento, que é sua própria angústia. A dor de Luís diz respeito ao passado, ao presente e a uma constante sensação de medo, rejeição e isolamento:

A realidade significa esta ameaça de desmoronamento. Luís da Silva tem medo: dos outros, da realidade. Por isso anseia por fugir do que o ameaça, envolvendo-se na solidão. O foco narrativo em primeira pessoa, a presença constante do monólogo interior, dispensando o interlocutor direto, revelam o isolamento do personagem. Seu atordoamento também tem sinais claros na narrativa, e é por isso que ela não se fixa, em momento algum, numa única referência temporal. [...] Jogando-se em direção ao passado, desponta no personagem um falso saudosismo, estratégia inútil de fuga – seu passado o oprime tanto quanto o presente. Projetar seu desejo para um futuro improvável significa alcançar um lugar, um instante em que se liberte da convivência imposta com o mundo: “uma viagem, embriaguez, suicídio...” Tudo em vão. Não há libertação possível para Luís da Silva. “Está claro que todo o desarranjo é interior (SCHMIDT, 1993, p. 59).

É muito significativa a desordem interior de Luís da Silva, que vive perdido em pensamentos e em suas memórias, envolto em labirintos sem saída, imerso na sua visão

pessimista da vida, vivendo maquinalmente, sem perspectivas, sem fé em si e nos outros, completamente apático. Luís não tem ninguém, são poucos os seus amigos, vive numa pensão e carrega lembranças tristes das mortes da família, de como resultou sozinho na capital do Estado, pagando aluguel, vivendo em pensões.

Conforme Carvalho, a personagem de Graciliano “incorpora heróis na sua alma como uma tradição” (2009, p. 144). Na tese de doutorado, *Graciliano Ramos: a dor e a náusea*, esta estudiosa menciona o desajuste de Luís da Silva e afirma que as personagens do passado permeiam o romance *Angústia*, trazendo lembranças da sua infância, acontecimentos pretéritos, recordações e dores, traços comuns na obra de Graciliano, que apresenta também em outras obras personagens recheadas de lembranças, sonhos, divagações e angústias. Essas rememorações chegam ao leitor por meio de *insights* da personagem, à medida em que Luís da Silva imerge em lembranças, trazendo muitos fatos do seu passado. Segundo a autora, esses heróis representam: [...] o contraponto que Luís da Silva encontra para a sua fragilidade física e a sua incapacidade total de comunicação com os outros (ele praticamente só se comunica com sua criada, Vitória, que é velha e surda, e com o papagaio, Currupaco, que é totalmente mudo) (p. 144).

2.2 O crime

Julião Tavares, grande, forte, falante, extrovertido, poderoso, era invejado por Luís porque, influente, tinha nome, presença e dinheiro. Luís, que diante dele sentia-se inferiorizado, além de perder a amada Marina por Julião, também foi traído pelos dois que, juntos, encontravam-se aos olhos dos pais de Marina quando ela ainda estava comprometida com Luís, o qual não recebeu sequer uma satisfação de que os planos de casamento estavam desfeitos. O descaso de Marina, a traição de todos, a sobressalência de Julião, os boatos que circundavam o romance de crimes sexuais praticados por este, vitimando mulheres indefesas, todos esses fatores moviam Luís em direção ao crime que ele era tentado a cometer. Assim, Luís começou a seguir os passos de Julião e descobriu que Marina estava sendo traída. As investigações de Luís acusavam também as visitas frequentes de Julião a casas de prostituição, bem como as práticas contínuas de sedução de moças ingênuas. A reunião de todos esses fatos fez a raiva de Luís tomar ainda mais força. Em uma noite que estava no encalço de Julião Tavares, em uma rua de pouco movimento, Luís percebeu a oportunidade de

pôr em prática o delito. Conforme já mencionado, seduzido por idéias assassinas, puxou do bolso a corda que ganhara do seu Ivo - um pedinte que costumava visitá-lo e levou a cabo seu plano insano. Com efeito, foi o que realizou, suspendendo o corpo pesado de Julião Tavares com a corda no pescoço nos galhos de uma árvore, na rua deserta.

Schmidt analisa a trajetória de Luís da Silva e assevera:

Como era de se esperar, Luís da Silva fracassa também no amor. À sua frustração alia-se um outro elemento agravante: a traição. E logo quem a protagoniza - Julião Tavares, a caricatura do bom burguês, da fala abundante e inútil, do ócio, do poder e das conquistas. A figura do rival se converte na do invasor, que simbolicamente penetra em sua casa, instala-se, adona-se, rouba-lhe a mulher, rouba-lhe tudo. Julião Tavares deve morrer. A ideia, lentamente, toma forma na consciência do personagem (SCHMIDT, 2005, p. 61).

No trecho acima, Schmidt deixa claro os motivos que fizeram com que Luís assassinasse Julião Tavares. Segundo ela, era o que lhe parecia o mais correto a fazer. Na verdade, difícil seria para Luís controlar seus impulsos e evitar o assassinato, tendo em vista que todos os seus pensamentos convergiam para Julião Tavares, toda a sua energia era despendida em vigiá-lo, em observá-lo. Luís estava obcecado pela idéia de enforcar Julião Tavares.

3.3 As consequências do crime para Luís da Silva: o sentimento de culpa

A prática do crime torna-se inevitável para Luís da Silva. A partir dela, no entanto, sua vida transforma-se em um tormento. Desesperado, imediatamente após a concretização do delito não sabe como agir, o que fazer com o cadáver, como voltar para casa. Julga que tudo, seu jeito, sua expressão, suas vestes, seu cheiro denunciarão seu ato horrendo; imagina que todos os olhos buscam a sua direção, bem como que dedos alheios apontam-no. A narrativa de Angústia, que não obedece à linearidade do tempo, quando do assassinato de Julião Tavares fica mais confusa e desordenada, e o leitor perde-se um pouco com a ordem dos fatos. Luís sente medo, não quer tocar no cadáver, ouve barulhos o tempo todo, teme a aproximação de pessoas, sofre, enfim, com emoções bem típicas de um assassino inexperiente e covarde, atormentado pelo ato que praticou, o qual lhe trará futuros tormentos:

Apareceram vozes na estrada. Vozes? Ou seria que eu estava tresvariando? Alucinação. Não queria acreditar que pessoas normais se avizinhassem de mim sossegadamente. Agarrava-me com desespero à corda.

- Trinta anos de prisão, tinta anos de prisão.

As grades que a gente não pode tocar, tão nojentas são elas, as esteiras, as cortinas de pucumã, os muros grossos, fome, sede [...] (RAMOS, 2005, p. 243).

A conduta criminosa, recém-praticada, desperta-lhe o medo da punição e Luís já imagina a condenação pela sociedade, o julgamento e o castigo (a prisão). Imagina-se atrás de grades sujas, de muros intransponíveis, numa vida de penúria que teria, uma vez descoberto. O curioso aqui é que ele já se percebe exposto, julgado, condenado. Abaixo trago mais uma passagem de um trecho, logo após o enforcamento de Julião, quando Luís ainda encontra-se no local do crime:

Agora os dedos seguravam mal aquele suporte incômodo e oscilante. Enorme preguiça e enorme sono prendiam-me ao galho. Creio que dormi uns minutos. Seria bom cair: talvez a queda sacudisse o torpor e me restituísse a vontade necessária para entrar em casa e embriagar-me. Embriagar-me, naturalmente. Teria dormido? (RAMOS, 2005, p. 246).

Faltam forças a Luís para tomar qualquer providência, finalizar a sua façanha e sair do local do crime. Luís fica em dúvida a respeito de ter dormido uns minutos, a qual reflete a confusão mental da qual é vítima, após ter praticado o crime. Também a busca que ele faz de um suposto chapéu, que estaria usando, quando do assassinato, demonstram essa confusão: “Procurava o chapéu, caído na luta, mas não sabia o que procurava. [...] Achei-o, mas ficou-me a dúvida de que fosse o mesmo experimentado minutos antes” (RAMOS, 2005, p. 247).

Em meio ao desespero e sem saída, vem a Luís um pensamento mágico, uma solução irreal que o retira milagrosamente da situação desesperadora e aterrorizante em que se encontra para transportá-lo a um mundo de aconchego, onde estaria protegido, onde não haveria assassinatos nem medo. O trecho abaixo exemplifica:

Como me seria possível alcançar outro ramo? Passando a outro ramo, estaria em segurança. Se pudesse retirar-me dali [...]. Tive a ideia extravagante de chegar à cidade andando sobre as árvores.

- Em segurança, em segurança.

Evidentemente era preciso descer, mas isto me apavorava. Lá embaixo numerosos inimigos iam perseguir-me (RAMOS, 2005, p. 246).

Esses pensamentos acusam também a mania de perseguição que ele começa a desenvolver e que se estenderá até o final do romance porque Luís começa a sentir uma culpa, que vai atormentar-lhe sempre. E ele se vê sozinho, cercado de inimigos. “Tinham passado

por baixo da árvore, visto o homem enforcado, iam encontrar-me e denunciar-me” (RAMOS, 2005, p. 247).

Imediatamente, percebe-se sinais de paranoia: “Perceberiam logo a mentira. Em seguida viriam perguntas insignificantes em tom misterioso, e eu me cansaria inutilmente para desviar-me delas.” (RAMOS, 2005, p. 251). Luís, atormentado, ouve barulhos à noite, confunde sonho e realidade; torna-se, então, vítima de pesadelos, e parece perder a sanidade e a lucidez. Tudo fruto de um sentimento dilacerante e incontrolável que o torna perdido, que o faz sentir-se mal, que lhe causa um completo e eterno mal-estar.

Após o crime, os fantasmas estão por toda a parte. Tudo é nebuloso como a mente de Luís que, transtornado, não consegue mais pensar com linearidade, trabalhar, não goza mais de saúde mental nem física, tem pesadelos, sente medo de tudo, julga-se impossibilitado de sair de casa e de levar a vida que tinha antes do crime do qual foi autor.

Nas páginas subsequentes do romance, Luís menciona a culpa que sente: “Uma culpa grave. Se fosse descoberto, infelicidades me chegariam. Todos os gestos eram culpas graves. Pisava como um gato” (RAMOS, 2005, p. 254). Pisava como um gato, evidentemente, porque temia a revelação do ato vergonhoso por ele praticado. O sentimento de culpa de Luís manifesta-se através de perturbações, angústias e insônia, as quais o impedem de esquecer seus monstros internos e fugir de sua própria consciência.

O suor molhava-me o pescoço, a vista escurecia, a memória dava saltos, a respiração encurtava-se. Uma lembrança vaga de cavalos perseguia-me. [...] Fazia um minuto que o homem da polícia tinha batido. Sentado na cama, suando, tossindo, as mãos esfoladas, encolhia-me (RAMOS, 2005, p. 266).

Luciana dos Santos Carvalho também aborda o sofrimento de Luís da Silva após o assassinato de Julião Tavares:

Exteriorizando esses sentimentos rebarbativos, acompanhamos, passo a passo, o calvário do narrador-protagonista, até seu aniquilamento final, quando, após assassinar Julião Tavares, passa a viver acuado pela própria consciência. (CARVALHO, 2009, p.135-136).

A lembrança do crime que cometeu será um tormento para Luís para o resto de sua vida porque não tem mais paz; no entanto, parece ter matado Julião Tavares justamente para alcançá-la, uma vez que este representava uma ameaça a Luís. Morto Julião Tavares, todavia, aumentou o sofrimento de Luís da Silva, que passou a viver uma tortura cada vez maior. Buscava então fugir da realidade consolando-se com paliativos: “[...] É verdade que tenho o

cigarro e tenho o álcool, mas quando bebo demais ou fumo demais, a minha tristeza cresce. Tristeza e raiva [...]” (RAMOS, 2005, p. 9). Sinais evidentes da fuga de um forte sentimento de culpa, fruto da sua consciência, que o perturba.

Luís queria fugir de si mesmo e soluções mágicas deslumbram-no: “Desejava ser como os bichos e afastar-me dos outros homens. As mãos doíam-me, as pernas doíam-me, os pés dos cabelos doíam-me. Não queria imaginar o que aconteceria lá fora, o que tinha acontecido. Fatos possíveis misturavam-se a coisas absurdas” (RAMOS, 2005, p. 264).

Evidência clara que Luís quer fugir de si mesmo, desvincular-se de quem é, lavar-se da sujeira que o cobre, despir-se de seu ser. Seus desejos denotam a vontade de que algo superior propulsione-o, encoraje-o a mover-se, a tomar uma atitude de autopreservação, uma atitude consciente e sã que o possa recompor.

Candido (2006) também pronunciou-se sobre o sofrimento pós-crime de Luís da Silva. Para ele, o romance *Angústia* é “fuliginoso e opaco. O leitor chega a respirar mal no clima opressivo” (p. 47). “Este sentimento de abjeção volta-se sobre ele próprio; Luís da Silva se anula pela autopunição e só consegue equilibrar-se assassinando o rival, equilíbrio precário que o deixa arrasado, mas de qualquer modo é a única maneira de afirmar-se” (p. 49).

Nesta narração autobiográfica, um dos traços mais constantes é o sentimento de humilhação e de machucamento. Humilhação de menino fraco e tímido, maltratado pelos pais e extremamente sensível aos maus-tratos sofridos e presenciados. Por toda a parte, recordações doídas de alguma injustiça, de alguma vitória descarada do forte sobre o fraco. Talvez porque ante a sensibilidade do narrador as circunstâncias banais da vida avolumassem como outras tantas brutalidades. Em casa, na rua, na escola, vê sempre um indefeso nas unhas de um opressor. A priminha, Venta-Romba, o colega perseguido, João, ele próprio. E sempre - sempre - a punição é gratuita, nascendo daquela desnorteante injustiça com que trava conhecimento certo dia, por causa do cinturão paterno. A consequência natural é o refúgio no mundo interior e o interesse pelos aspectos inofensivos da vida. (CANDIDO, 2006, p. 71-72)

O autor explora também o sentimento de culpa que dilacera Luís da Silva. Compara o romance *Angústia* ao poema *A Mão Suja*, de Carlos Drummond de Andrade, que não transcreverei aqui: “Analisando esse sentimento de culpa, encontramos no livro um movimento de consciência angustiada que o aproxima do poema” (CANDIDO, 2006, p. 49). Ele acrescenta também que, lendo o poema, compreendemos melhor o romance e o desespero da personagem. **DEIXAR?**

Desespero oriundo do sentimento de um drama não só pessoal, mas também coletivo. Drama de todos, de tudo; da vida malfeita, dos homens mal vividos. [...]. Gente acuada, bloqueada, esmagada pela vida, espremida até virar bagaço, sem

entender o porquê disso tudo. E a dureza, a incrível dureza desse pequeno mundo sem dinheiro nem horizonte, cuja existência é uma rede simples e bruta de pequenas misérias, golpes miúdos e infinitas cavilações. [...]

Na crispada corrente da narrativa, todos se dispõem como projeção dele próprio: a miséria dos outros é a sua e uma vaga fraternidade liga-o a seu Ramalho, à fraqueza de d. Adélia, à maluquice de Vitória. O vagabundo Ivo é um eco da sua própria inquietação, da resignada submissão ao fado; Moisés tem na revolução a confiança que quisera ter e não pode; o próprio Julião Tavares, que entra na vida de ombros e cotovelos, possui desenvoltura que o atrai. Essa solidariedade do narrador com os outros personagens contribui para unificar a atmosfera pesada, multiplicando em combinações infindáveis o drama básico da frustração (CANDIDO, 2006, p. 50-51)

Nesse trecho, Candido refere algumas das personagens e analisa o que representam no romance, concluindo que tudo está a serviço da frustração que ele percebe em Luís. Essa frustração decorre das tantas infelicidades, das quais o protagonista julga-se vítima.

Dando continuidade à reflexão a respeito da conduta criminosa de Luís e do motivo que o levou a matar, retomo Simone Schmidt, que observa o sentimento de culpa no comportamento de Luís da Silva após a prática do crime por ele protagonizado:

As sensações imediatas ao crime são logo substituídas por medo e culpa. Nas páginas finais do romance, Luís da Silva dirá: “e daí em diante todas as perguntas seriam como cobras enrodilhadas que se preparavam para armar o bote”. *O sentido da corda que enforca* desliza para o da *cobra que arma o bote*. Num movimento circular, a cobra morde sua própria cauda, e aquele que mata passa a ser o perseguido; o potente autor do crime se converte em nova vítima. Luís da Silva, ainda uma vez, é pobre-diabo como sempre. No percurso fragmentário e caótico dos tormentos do personagem, progride a angústia [...] (SCHMIDT, 1993, p. 61-62).

Também Luciana dos Santos Carvalho reflete sobre o sentimento de culpa de Luís em sua tese de doutorado, como se verifica na citação:

Luís da Silva não vai para cadeia, entretanto passa a viver uma escravidão psíquica. Completamente delirante, escrever um livro sobre si mesmo indica uma tentativa inconsciente de regeneração, de expiração voluntária de sua culpa, de desejo de se libertar do diabrete que lhe habita, das forças malignas que lhe perturbam (forças desintegradoras de sua personalidade). Talvez ele não queira mais ser aquele menino que saía pinoteando, nu, num cabo de vassouras, não se diferenciando dos animais da fazenda. Talvez ele queira se aproximar do “espírito de Deus que bóia sobre as águas”. Talvez depois de sair desse estado de torpor em que se encontra (estado esse decorrente do ato insano que cometeu), ao verbalizar as visões alucinantes que lhe perseguem, ele consiga encontrar o equilíbrio, substituir o homem despedaçado entre seus desejos e compreender a si próprio. Talvez. Mas essas incertezas, essas dúvidas, é que nos provocam essa sensação pungente que nos acompanha até o final de cada livro de Graciliano Ramos. (CARVALHO, 2009, p. 144-145).

Segundo Carvalho, escrever um livro sobre si mesmo é uma tentativa de expiar a própria culpa, com a qual é um tormento viver. Luís não é descoberto, embora julga que todos o apontam. Sendo assim, não é punido. Então, de alguma maneira, procura uma forma de

expurgar a culpa, de tirar de si a dor que sente porque, mesmo dentro de sua própria casa não tem mais sossego e seu tormento é cada vez maior. “Aproximei-me novamente da parede: uma neblina diante do mostrador. Felizmente, agora estava fumando, quase tranquilo. Teria ouvido as três pancadas?” (RAMOS, 2005, p. 255). Seu pesadelo continua:

Queria deixar-me embalar pelo rumor abafado e dormir. Impossível. Os dedos agitavam-se despedaçando o fósforo. Levantei a cabeça, arregalei os olhos e novamente cheguei a eles os dedos, que desapareciam no nevoeiro [...]. Provavelmente não conseguiria dormir. Um dois, um dois. Eram as pancadas do pêndulo, mas eu pensava em marchas. [...] Que loucura ter deixado aquela porta aberta! Se alguém, oculto entre as folhas, me espiasse? Fechei a porta. Estava em segurança. Tentei encaminhar o pensamento para coisas simples e ordinárias, mas estas coisas fugiam, truncavam-se (RAMOS, 2005, p. 256-257).

Seu tormento transforma-se em sensações físicas, sua saúde é atingida, ele definha, convalesce em febre, suores e agitações. Sua mente está poluída de pensamentos paranoicos e de um medo mortal que o dominam:

Eu também estava cansado, mas não podia dormir. [...] Uma felicidade não pensar, andar assim trôpego como um papagaio. [...] Pancadas na porta da frente. Abri os olhos numa agonia. O suor corria-me pela cara, ensopava a toalha, não havia jeito de estancá-lo. Teriam realmente batido na porta? (RAMOS, 2005, p. 257).

Aparecem novos sinais da perseguição que supostamente sofre:

Quem estaria lá fora, na calçada? O relógio bateu meia hora e depois quatro. Não me lembro de ter feito nenhum movimento na derradeira meia hora, mas quando veio a primeira pancada eu estava de pé, quando soaram as quatro estava sentado, o queixo encostado à mesa. Levantei-me, dirigi-me ao quarto, firmando-me às paredes, tombei na cama, pesado, como um morto. (RAMOS, 2005, p. 258).

A necessidade de esconder-ser do mundo e de todos, de ocultar quem é e o ato vergonhoso que praticou: “Se dessem busca na casa? Fui remexer o saco, ver se na roupa branca havia sinais que me pudessem comprometer. O paletó e a calça não estavam bem escondidos. Pensei em queimá-los, enterrá-los” (RAMOS, 2005, p. 258).

Luís permanece sofrendo, num círculo de dor e angústia. A morte de Julião não lhe dá paz; a fuga da realidade, o comportamento infantil e o delírio, mesmo que logo arrebatado pela dura realidade, tomam conta dele:

Minha mãe me embalava cantando aquela cantiga sem palavras. A cantiga morria e se avivava. [...] Em alguns minutos a criança crescia, ganhava cabelos brancos e rugas. Não era minha mãe a cantar: era uma vitrola distante, tão distante que eu tinha a ilusão de que sobre o disco passeavam pernas de aranha (RAMOS, 2005, p. 273).

Outras passagens de *Angústia* mostram o sofrimento do protagonista. Febre, dor, convalescença: “Com certeza a febre ia crescer. O corpo morinhento pedia cama. [...] Achei-me sentado, murmurando palavras desconexas” (RAMOS, 2005, p. 269). Luís ilude-se dizendo a si mesmo que é inocente, tentando acreditar em suas palavras acalentadoras: “Não fui eu, gritei, recuando e tropeçando na cadeira [...]. Nada havia acontecido comigo. Senti-me vítima de uma grande injustiça e tive desejo de chorar” (p. 271).

A vontade de acabar com o próprio sofrimento e de parar de esconder-se:

Voltaria para junto da mesa, aguardaria novas pancadas, novas torturas. Por que não se acabava logo aquilo? Bati com a mão na mesa e isto me arrancou um grito que abafei e se transformou em praga imunda. Por que não me vinham buscar os miseráveis da polícia? Por que faziam comigo aquela brincadeira de gato com rato? Eu os acompanharia, mostraria a roupa rasgada, os fios de gravata no monturo, falaria no cigarro oferecido pelo vagabundo. Por que não vinham logo? (RAMOS, 2005, p. 268).

“Desejaria achatar-me, confundir-me com as coisas moles e úmidas que os meus dedos tinham esmagado sobre a casca da árvore.” (RAMOS, 2005, p. 246). Luís despreza o homem que é. Quer confundir-se com as coisas, camuflar-se, disfarçar-se porque tem vergonha de si e dos seus atos.

Tendo em vista o sofrimento oriundo do sentimento de culpa que apresenta e os diversos trechos que o ilustram extraídos da obra, busquei em teóricos e estudiosos do assunto alguma teoria que possa auxiliar na interpretação da origem da culpa que sente Luís, quais as características desse sentimento e porque ele ocorre tão fortemente.

3 TEORIAS SOBRE A CULPA

3.1 Estudos de Moacyr Scliar sobre a culpa

Moacyr Scliar (2006), escritor que se dedicou ao tema, no livro *Enigmas da Culpa* aprofundou o assunto e chegou a algumas conclusões. Nesta obra realiza toda uma trajetória para desvendar a origem desse sentimento, menciona os desdobramentos dele na literatura de ficção, no cinema, seus vários sentidos e efeitos, dentre outros reflexos.

Scliar elaborou um conceito de culpa que pode ser reproduzido como segue: “Podemos conceituar culpa como uma acusação ou auto-acusação, por um crime ou uma falta ou ato inadequado, reais ou imaginários.” (2006, p. 37). Esse escritor divide a culpa em três sentidos: moral, religioso e neurótico. Neste trabalho interessam-nos apenas os dois primeiros.

A culpa moral, para Scliar, refere-se àquele:

[...] conjunto de costumes, crenças, valores e normas de caráter coletivo e pessoal, resulta da assimilação, desde a infância, de padrões de conduta transmitidos (ou impostos) pela família, pelo grupo, pela escola, pela religião. A moral responde fundamentalmente à pergunta: o que é bom, o que é mau, o que é certo, o que é errado?

O comportamento moral resulta de duas coisas: do julgamento moral, que é um processo cognitivo, racional, de avaliação; e dos sentimentos morais, que podem ser positivos (o sentimento do dever cumprido) ou negativos (o sentimento de culpa). (SCLIAR, 2006, p. 49).

Explorando a culpa moral, Scliar (2006) menciona que, se desviados dos padrões morais, o ser humano sofrerá várias consequências, dentre elas, a culpa e a vergonha. Explica, dessa forma, que a vergonha precisa, para ser sentida, de terceiros, de olhos alheios, ou seja, “a pessoa sente-se envergonhada quando alguém a vê fazendo algo vergonhoso ou numa postura vergonhosa; por isso a pessoa envergonhada quer sumir, desaparecer, entrar chão adentro.” Já a culpa, diz respeito a “uma peculiar forma de audição: a audição da implacável voz interior, que acompanha o culpado ainda que ele se enfie em qualquer buraco.” (p. 51). E continua:

A culpa nem sempre motiva uma ação; a pessoa pode se sentir culpada durante décadas e nada fazer a respeito, mesmo porque como veremos, a culpa pode ser inconsciente e neste caso a pessoa nem sabe o que fazer. A vergonha é uma resposta à avaliação alheia, ao passo que a culpa resulta de uma avaliação interna, equivocada ou não; privilegia, portanto, a autonomia individual. A culpa não precisa de

audiência, de público; a vergonha ocorre mediante a desaprovação ou o deboche de outros.

Freud via na vergonha uma formação reativa contra impulsos de exibicionismo sexual, ao passo que a culpa seria o resultado de um conflito complexo entre o Superego e o Ego. A vergonha precede o aparecimento do Superego, ainda que este depois a incorpore. A culpa desenvolve-se mais tarde, durante a fase edipiana, e requer a presença do Superego (SCLIAR, 2006, p. 52).

No contexto religioso, segundo Scliar, “culpa é simplesmente a consequência pessoal da transgressão” (p. 82). O escritor pergunta-se:

Mas em que consiste a transgressão? A resposta varia conforme a religião e conforme a cultura: comer carne de porco é proibido no judaísmo e no islamismo, mas não no cristianismo. Daí a necessidade de códigos morais e de intérpretes para o código moral. Durante a confissão o sacerdote avalia, pelo relato que lhe faz o fiel, se houve de fato pecado e se se aplica uma penitência – no caso da religião, a clássica forma de expiar a culpa. Para o crente, Deus decide o que é pecado, a vontade divina chegando ao ser humano através da religião e dos textos sagrados: os Dez Mandamentos bíblicos, por exemplo. Já o não-crente verá no pecado o resultado de injunções sociais, culturais e políticas.

O código moral pode ser o ponto de partida para o surgimento de uma verdadeira cultura da culpa, que o cristianismo partilha com o judaísmo, enfatizando a punição como forma de manter padrões de conduta. Nestas circunstâncias, os mecanismos psicológicos que desencadeiam a culpa encontram um reforço externo poderoso. (p. SCLIAR, 2006, p. 82-83).

Nesses trechos, pequenos recortes do livro de Scliar, está claro que a origem do sentimento de culpa é fortemente ligada à repressão, à imposição de normas e de proibições, as duas últimas, segundo Freud, necessárias ao convívio em sociedade. No tocante à religião, daí se poderiam extrair dezenas de exemplos e poderíamos pensar em diversos sistemas religiosos em que suas instituições, através de fortes dogmas, usam a culpa para manter seus fieis dependentes, lutando na busca da redenção de seus pecados, no perdão de suas dívidas, mediante as promessas de garantia de vida eterna, sem purgação.

Já no que diz respeito à vida moral, o indivíduo sente culpa quando pratica uma ação que é tida como má, desumana com o próximo. Essas ações condenáveis muitas vezes estão subentendidas no inconsciente coletivo da sociedade e foram elas e os costumes de uma comunidade que posteriormente constituíram a base dos códigos penais e dos aparatos jurídicos que enquadram os homens em cidadãos ou não, em criminosos ou não, e determinam quais devem ser aliados do convívio em sociedade, com base nas suas condutas.

3.2 Estudos de Sigmund Freud sobre a culpa

Sigmund Freud juntamente com Nietzsche, foi dos estudiosos que mais se deteve sobre o tema, portanto, não há como falar em culpa sem mencioná-lo. Dentre seus livros, um dos que mais aprofunda o assunto é *Dostoiévski e o Parricídio*, no qual explora a figura do criminoso:

Um criminoso, para ele, é quase um Redentor, que tomou sobre si próprio a culpa que, em outro, caso, deveria ter sido carregada pelos outros. Não há mais necessidade de que alguém mate, visto que *ele* já matou, e há que ser-lhe grato; não fosse ele, ver-nos-famos obrigados a matar. Isso não é apenas piedade bondosa, mas uma identificação com base em impulsos assassinos semelhantes – na realidade, um narcisismo, ligeiramente deslocado (FREUD, 2006, p. 194).

No livro citado, o psicanalista analisa a personalidade do escritor russo, o que certamente fez a partir da obra deste. Por esse meio constata que muitos fatos que aparecem nos romances do escritor remetem à sua vida, uma vez que a “complexa personalidade de Dostoiévski” (FREUD, 2006, p. 185) justifica “a extraordinária intensidade de sua vida emocional.” (p. 185). No primeiro parágrafo da obra, Freud distingue na personalidade de Dostoiévski quatro facetas, quais sejam: o artista criador, o neurótico, o moralista e o pecador ou criminoso (p. 183). Interessa neste estudo apenas a exploração desta última que despertou em Freud diversas dúvidas acerca dessa conduta pelo objeto do seu estudo. Diz o criador da psicanálise que: “Num criminoso, dois traços são essenciais: um egoísmo sem limites e um forte impulso destrutivo. Comum a ambos, e condição necessária para sua expressão é a ausência de amor, a falta de uma apreciação emocional de objetos (humanos)” (p. 184). Freud lembra, então, que Dostoiévski apresentava uma “grande necessidade de amor e uma enorme capacidade de amar” (p. 184), conforme relatos de suas condutas na vida, com seus relacionamentos e reações a fatos. Percebendo a contradição, Freud encontra solução para ela:

[...] pela compreensão de que o instinto destrutivo muito intenso de Dostoiévski, que facilmente poderia tê-lo transformado num criminoso, foi, em sua vida real, dirigido principalmente contra sua própria pessoa (para dentro, em vez de para fora), encontrando assim sua expressão como masoquismo e sentimento de culpa (FREUD, 2006, p. 184)

Na análise de Dostoiévski, refere o psicanalista a morte do pai do escritor, que ocorreu quando este tinha apenas 18 anos, a epilepsia, da qual era vítima, e uma neurose afetiva que lhe atribui como as causas determinantes de um sentimento de culpa que o

perseguia. Daí resulta que muita violência e ações vingativas, não somente na obra, mas também na conduta na vida de Dostoiévski são constantes. Suas tramas literárias são recheadas de personagens estranhas, desajustadas, antissociais, agressivas, vingativas, homicidas. Freud, que em alemão, língua que escrevia, chamava o sentimento de culpa de *schuldefühl*, defende que o mal que Dostoiévski sentia gerava nele o desejo de punir-se, masoquismo e culpa. No livro citado, afirma o psicanalista que o parricídio “[...] é a fonte principal do sentimento de culpa, embora não saibamos se a única; as pesquisas ainda não conseguiram estabelecer com certeza a origem mental da culpa e da necessidade de expiação” (p. 188). Na mesma obra ele cita a culpa filial, “[...] que se acha presente nos seres humanos em geral e sobre a qual o sentimento religioso é construído [...]” (p. 192) e diz ter ela atingido em Dostoiévski uma intensidade superindividual e permanecido insuperável inclusive à sua grande inteligência.

A leitura por Freud de diversas obras do escritor russo e de outros clássicos de escritores famosos que tratam do tema do parricídio, dentre eles, *Édipo Rei* (1998), de Sófocles, *Hamlet* (2004) de Shakespeare e, principalmente, *Os Irmãos Karamazov* (1994), romance onde o sentimento de culpa é objeto, foram a base da sua teoria. Foi estudando *Os Irmãos Karamazov*, no entanto, que Freud erigiu uma de suas grandes revelações, o complexo de Édipo.

Segundo o psicanalista, o parricídio é uma das fontes principais do sentimento de culpa, conforme já transcrito. Por isso, detenho-me nesse tema e trago em seguida mais algumas passagens do livro de sua autoria que trata do assunto, para, posteriormente buscar entender e teorizar sobre o sentimento de culpa de Luís da Silva, apoiada na teoria desse estudioso.

Assim, diz Freud que:

O relacionamento de um menino com o pai é, como dizemos, ‘ambivalente’. Além do ódio que procura livrar-se do pai como rival, uma certa medida de ternura por ele também está habitualmente presente. As duas atitudes mentais se combinam para produzir a identificação com o pai; o menino deseja estar no lugar do pai porque o admira e quer ser como ele, e também por desejar colocá-lo fora do caminho. Todo esse desenvolvimento se defronta com um poderoso obstáculo. Em determinado momento, a criança vem a compreender que a tentativa de afastar o pai como rival seria punida por ele com a castração. Assim, pelo temor à castração – isto é, no interesse de preservar sua masculinidade – abandona seu desejo de possuir a mãe e livrar-se do pai. Na medida em que esse desejo permanece no inconsciente, constitui a base do sentimento de culpa. Acreditamos que aqui descrevemos, são processos normais, o destino normal do chamado ‘complexo de Édipo’[...] (FREUD, 2006, p. 188-189).

Parece, pois, segundo Freud, que aquilo que é jogado para o inconsciente torna-se nebuloso e passa perto da ideia que se tem de tabu, perturbando a mente do sujeito de forma a confundi-lo em pensamentos, atitudes e escolhas. De nada do que se passa no inconsciente ele tem clareza e por isso sente-se perdido, em luta consigo próprio.

Acrescento outras consequências da repressão do ódio pelo pai no complexo de Édipo, referenciadas por Freud:

[...] a identificação com o pai finalmente constrói um lugar permanente para si mesma no ego. É recebida dentro deste, mas lá se estabelece como um agente separado, em contraste com o restante do conteúdo do ego. Damos-lhe então o nome de superego e atribuímos-lhe, como herdeiro da influência parental, as funções mais importantes. Se o pai foi duro, violento e cruel, o superego assume dele esses atributos e nas relações entre o ego e ele, a passividade que se imaginava ter sido reprimida é restabelecida. O superego se tornou sádico e o ego se torna masoquista, isto é, no fundo, passivo, de uma maneira feminina. Uma grande necessidade de punição se desenvolve no ego, que em parte se oferece como vítima ao destino e em parte encontra satisfação nos maus tratos que lhe são dados pelo superego (isto é, no sentimento de culpa), pois toda punição é, em última análise, uma castração, e, como tal, realização da antiga atitude passiva para com o pai. Mesmo o Destino, em última instância, não passa de uma projeção tardia do pai (FREUD, 2006, p. 190).

De acordo com Freud, em linhas gerais, o id é regido pelo princípio do prazer e é formado por instintos, impulsos orgânicos e desejos inconscientes, aquilo que Freud designa como pulsões. Sua função é buscar o prazer e evitar o sofrimento. O id localiza-se na zona inconsciente da mente.

O ego faz o contato do mundo psíquico com a realidade. Ele estabelece o equilíbrio entre as reivindicações do id e as exigências do superego e localiza-se na zona consciente da mente.

O superego age como censor do ego. É o representante interno das normas e valores sociais que foram transmitidos pelos pais através dos sistemas de castigo e recompensas impostos à criança. São os nossos conceitos do que é certo e do que é errado. O superego controla-nos, pune-nos e inibe os impulsos do id. Também localiza-se na zona inconsciente da mente.

A principal função do ego, por conseguinte, é tentar equilibrar, uma vez que é consciente, as demandas do id e as imposições do superego.

Assim, o superego que impera as obrigações, as punições e a repressão aos instintos do id, é o responsável pela aceitação do sofrimento de um indivíduo, não somente o sofrimento merecido, ou seja, a aceitação de uma pena ou castigo decorrente de um crime pelo qual nem é responsável. Dessa forma, um indivíduo com certa perturbação, que se julga pecador e autor

de erros, seja na forma de atitudes, seja de pensamentos, acaba acatando, ainda que sejam os erros mais banais, punições que venham a impor-lhe e conforma-se com elas porque se julga merecedor de sofrimento. O sentimento de culpa, responsável por essa atitude, é, portanto, resultante dos maus tratos do superego que, por sua vez, são oriundos, na maioria das vezes, de processos inconscientes por que passou o indivíduo, podendo ter sido nos primeiros anos de sua vida.

Acrescento mais alguns trechos da obra de Freud, que colaboram no esclarecimento dos mecanismos que regem o sentimento de culpa e da necessidade de sofrer a pena. Ainda, em *Dostoiévski e o Parricídio*, encontram-se as seguintes informações:

[...] o ódio de Dostoiévski pelo pai e seu desejo de morte contra esse pai malvado foram mantidos. [...]. As crises de Dostoiévski assumiram então um caráter epiléptico; ainda, indubitavelmente, significavam uma identificação com o pai como punição, mas se tinham tornado terríveis, tais como a própria morte assustadora do pai.

[...] na aura da crise epiléptica, um momento de felicidade suprema é experimentado. Pode bem ser um registro do triunfo e do sentimento de liberação experimentados ao escutar as notícias da morte, seguidos imediatamente por uma punição ainda mais cruel. Imaginamos exatamente essa sequência de triunfo e de pesar, de alegria festiva e de luto [...]. Essa necessidade de punição por parte da economia mental de Dostoiévski antes explica o fato de ele ter passado inabalado por esses anos de tormento e humilhação. A condenação de Dostoiévski como prisioneiro político foi injusta e ele deve ter sabido disso, mas aceitou o imerecido castigo das mãos do Paizinho, do Czar, como um substituto da punição que merecia por seu pecado contra o pai real. Em vez de se punir a si mesmo, conseguiu fazer-se punir pelo representante paterno. Temos aqui um vislumbre da justificação psicológica das punições infligidas pela sociedade. É fato que grandes grupos de criminosos desejam ser punidos. O superego deles exige isso; assim se poupam a si mesmos a necessidade de se infligirem o castigo (FREUD, 2006, p. 190-192).

Freud (2006) acrescenta na mesma obra que o vício pelo jogo, que Dostoiévski nutriu durante boa parte de sua vida, era “um método de autopunição” (p. 195). Referindo-se ao escritor e a sua esposa, Freud diz que:

Quando suas perdas os reduziam a mais extrema necessidade, extraía disso uma segunda satisfação patológica. [...] Quando o sentimento de culpa dele ficava satisfeito pelos castigos que se havia infligido, a inibição incidente sobre seu trabalho se tornava menos grave e ele se permitia dar alguns passos ao longo da estrada do sucesso (FREUD, 2006, p. 195-196).

Outra publicação de Freud apresenta suas reflexões sobre o sentimento de culpa. No ensaio *Criminosos em Conseqüência de um Sentimento de Culpa*, que é o terceiro de “*Alguns Tipos de Caráter Encontrados no Trabalho Psicanalítico*”. Freud refere que começou a perceber, não apenas em crianças, mas também em adultos, dentre eles, nos pacientes que estavam sob seus cuidados, uma índole para praticar ações proibidas, tais como furtos, fraudes

e até mesmo incêndio voluntário. Diante desses comportamentos apresentados por seus pacientes, precisou deter-se sobre o assunto.

O trabalho analítico trouxe então a surpreendente descoberta de que tais ações eram praticadas principalmente por serem proibidas e por sua execução acarretar, para seu autor, um alívio mental. Este sofria de um opressivo sentimento de culpa, cuja origem não conhecia, e, após praticar uma ação má, essa opressão se atenuava. Seu sentimento de culpa estava pelo menos ligado a algo.

Por mais paradoxal que isso possa parecer, devo sustentar que o sentimento de culpa se encontrava presente antes da ação má, não tendo surgido a partir dela, mas inversamente – a iniquidade decorreu do sentimento de culpa. Essas pessoas podem ser apropriadamente descritas como criminosas em consequência do sentimento de culpa. A preexistência do sentimento de culpa fora, naturalmente, demonstrada por todo um conjunto de outras manifestações e efeitos. (FREUD, 1996, p. 347-348).

Na esteira dessas suposições, Freud fazia-se perguntas a respeito da origem de tão obscuro sentimento de culpa antes da ação criminosa e, se as causas desses sentimentos desempenhavam um papel de vulto se observadas as taxas de crime humano.

[...] os crimes perpetrados com o propósito de fixar o sentimento de culpa em alguma coisa vinham como um alívio para os sofredores. Nesse sentido, devemos lembrar que o parricídio e o incesto com a mãe são os dois grandes crimes humanos, os únicos que, como tais, são perseguidos e execrados nas comunidades primitivas. Também devemos lembrar como outras investigações nos aproximaram da hipótese segundo a qual a consciência da humanidade, que agora aparece como uma força mental herdada, foi adquirida em relação ao complexo de Édipo. [...]

Entre criminosos adultos devemos, sem dúvida, excetuar aqueles que praticam crimes sem qualquer sentimento de culpa; que, ou não desenvolveram quaisquer inibições morais, ou, em seu conflito com a sociedade, consideram sua ação justificada. Contudo, no tocante à maioria dos outros criminosos, aqueles para os quais medidas punitivas são realmente criadas, tal motivação para o crime poderia muito bem ser levada em consideração; ela poderia lançar luz sobre alguns pontos obscuros da psicologia do criminoso e oferecer punição com uma nova base psicológica (FREUD, 1996, p. 347-348).

Dessarte, segundo Freud, assim é o funcionamento do ser humano, vítima de sentimento de culpa, que adota práticas criminosas. Toda a teoria do psicanalista austríaco que trago para este trabalho tem o intuito de encontrar Luís da Silva e seu sofrimento, uma vez que muitas das características deste se comunicam com o que Freud preconizava.

3.3 Estudos de Friedrich Nietzsche sobre a culpa

Muito importantes são as colaborações de Nietzsche sobre o estudo da culpa, todavia, infelizmente, é impossível contemplar toda a parte da sua obra destinada ao assunto. Dizia ele

que Dostoiévski foi o maior psicólogo que já existiu. Não foi à toa que usou suas personagens, tendo em vista a complexidade que elas apresentam, para construir sua teoria sobre a culpa,

Na obra *A Genealogia da Moral*, Nietzsche observa que:

Pois todo o sofredor busca instintivamente uma causa para seus sofrimentos; mais precisamente, um agente; ainda mais especificamente, um agente *culpado* suscetível de sofrimento – em suma, algo vivo, no qual possa sob algum pretexto descarregar seus afetos, em ato ou *in effigie* [simbolicamente]: pois a descarga de afeto é para o sofredor a maior tentativa de alívio, de *entorpecimento*, seu involuntariamente ansiado narcótico para tormentos de qualquer espécie. Unicamente nisto, segundo minha suposição, se há de encontrar a verdadeira causa fisiológica do ressentimento, da vingança e quejandos, ou seja, em um desejo de *entorpecimento da dor através do afeto* – de ordinário ela é procurada, muito erroneamente, me parece, em um contragolpe defensivo, uma simples medida protetora, um “movimento reflexivo, em resposta a uma súbita lesão ou ameaça do tipo que ainda executa uma rã sem cabeça, para livrar-se de um ácido corrosivo. Mas a diferença fundamental: em um caso quer se prevenir mais lesões, no outro caso quer-se *entorpecer*, mediante uma emoção mais violenta de qualquer espécie, uma dor torturante, secreta, cada vez mais insuportável, e retirá-la da consciência ao menos por um instante – para isto necessita-se de um afeto, um afeto o mais selvagem possível e, para sua excitação, um bom pretexto qualquer. “Alguém deve ser culpado de que eu esteja mal” – esta maneira de raciocinar é comum a todos os doentes, tanto mais quanto lhes for desconhecida a verdadeira causa do seu mal-estar, a fisiológica (NIETSCHE, p.116-117).

Na segunda dissertação do capítulo quatro de *A Genealogia da Moral*, Nietzsche (2008, p. 52) pergunta-se como veio ao mundo aquela outra, que chama de “coisa sombria”, ou seja, a consciência da culpa, a “má consciência”. Refere:

Esses genealogistas da moral teriam sequer sonhado, por exemplo, que o grande conceito moral de “culpa” teve origem no conceito muito material de “dívida”? Ou que o castigo, sendo reparação, desenvolveu-se completamente à margem de qualquer suposição acerca da liberdade ou não – liberdade da vontade? [...]. (NIETZSCHE, 2008, p. 52).

Nietzsche trabalha muito com a concepção cristã de culpa, bem como com o conceito de moral, introduzido pelo judaísmo e pelo cristianismo, e aborda também o ressentimento, um sentimento próximo da inveja e do rancor, sobre o qual constrói uma teoria. Segundo ele, a moral religiosa condena os impulsos naturais dos seres humanos. O sentimento de culpa e a má consciência, termo cunhado por ele, são resultados disso.

A lógica para Nietzsche é a seguinte: O ressentido é um impotente e, por isso, sofredor. Dessa forma, só consegue narcotizar, entorpecer o seu próprio sentimento e o faz por meio de uma descarga patológica. O sofredor imagina que, se sofre, alguém é responsável

por isso. O ressentimento é uma crueldade interiorizada, é uma autoagressividade e precisa de expiação.

A partir desse viés poderíamos explorar o Homem Subterrâneo de *Memórias do Subsolo*, de Dostoiévski - maior exemplo de um ressentido - bem como tantas outras de suas personagens. Sob o mesmo prisma poderíamos interpretar o sofrimento sem fim de Luís da Silva.

Diz Nietzsche (2008) que a origem do sentimento de culpa está na esfera das obrigações legais, de onde também surgiram os conceitos de “consciência”, “dever”, “sacralidade do dever.” (p. 55) e que “O sentimento de culpa, da obrigação pessoal, para retomar o fio de nossa investigação, teve origem, como vimos, na mais antiga e primordial relação pessoal, na relação entre comprador e vendedor” (p. 59).

Trazidas essas considerações e a teoria que contemplei sobre a culpa, a qual retomarei no caso concreto, passo a analisar a personagem de Luís da Silva e sua conduta criminosa no romance estudado.

4 MOTIVAÇÕES DE LUÍS DA SILVA PARA COMETER O ASSASSINATO

Luís da Silva, desencantado com este mundo e com os homens, desenganado por todos e por si mesmo, condena-se e pune-se a viver até o fim de seus dias em meio a tormentos, alijado da sociedade, não dividindo com ninguém a sua dor, porque o outro é inimigo, representa perigo. Luís da Silva não se encaixa neste mundo, não faz parte da sociedade; então, sofre e chora, à margem dela.

Dedico-me aqui a examinar a motivação de Luís da Silva para assassinar Julião Tavares. Trago agora três possibilidades que percebi, a partir das leituras realizadas e da opinião de diversos estudiosos sobre a personalidade do narrador assassino. A terceira delas, uma construção que elaborei, fundamentada nos textos de Freud, *Criminosos em Conseqüência de um Sentimento de Culpa* e *Dostoievski e o Parricídio*. Ilustrarei essas ideias com trechos de textos em que estudiosos expressam suas interpretações, buscando justificativas para a conduta do algoz de Julião Tavares.

As três motivações de Luís da Silva para a conduta criminosa seriam:

Primeira hipótese: Redimir a sociedade;

Segunda hipótese: Livrar-se de seu rival Julião Tavares;

Terceira hipótese: Luís da Silva já era vítima do sentimento de culpa antes de cometer o crime.

4.1 Primeira hipótese: Redimir a sociedade

Freud, em *Dostoievski e o Parricídio*, conforme já exposto, referiu que o criminoso toma para si a culpa que seria carregada por outros, de forma que estes ficam isentos de qualquer conduta, posto que alguém o faz. Do contrário, teriam que ser autores de um crime. Assim, o criminoso torna-se um redentor da humanidade e todos lhe serão gratos. A partir disso, suponho que este poderia ser um dos motivos que conduziram Luís da Silva ao estigma de assassino. Luís sentia um ódio mortal de Julião Tavares e a ideia de que ele deveria morrer ocorrera-lha muitas vezes.

Jair Francelino Ferreira, autor do livro *Do Meio aos Mitos: a tradição religiosa na obra de Graciliano Ramos*, faz nesta obra um estudo sobre os mitos presentes nos romances

de Graciliano Ramos, da mesma forma que examina seus elementos simbólicos. Jair aborda o mito da serpente, que é pertinente aqui referir, uma vez que traz a representação que tomou Julião Tavares aos olhos de Luís da Silva:

[...] Julião Tavares não é apenas rival de Luís Silva, mas representa o opressor das classes menos favorecidas, o capitalista sem escrúpulos; enfim, é o espelho da classe dominante, da burguesia, que precisa ser eliminada para que os humildes e humilhados herdem a Terra. Dessa forma, ao matar Julião Tavares, Luís Silva faz no plano individual o que a revolução socialista – de que tanto ele quanto seu criador eram simpatizantes – faria no plano coletivo, e a serpente surge no texto não como inspiradora da perdição, mas como instrumento da libertação do homem do jugo de seus opressores; representa, portanto, não o Mal, mas o instinto natural do homem do ser livre, de não estar sujeito a nenhum tipo de dominação, mesmo que esta se apresente, como na Bíblia, na forma de um Criador justo e todo-poderoso. (FERREIRA, 2004, p. 74).

Também Donaldo Schüler (1993), crítico e ficcionista crê que Luís da Silva teve necessidade de matar Julião Tavares pela situação inferior em que se percebia, comparado àquele, porque achava-se em cruéis condições financeiras, fora enganado e traído por Marina, fora passado para trás por Julião, era empregado, sentia-se sufocado pelas ordens que recebia no trabalho e pelas normas que lhe tolhiam a criatividade nas suas tentativas de ser escritor. Luís é o descendente último de duas gerações de proprietários de terras que, “criado no campo, simboliza a inabilidade camponesa para vencer a cidade” (p. 41).

O trecho abaixo, retirado do artigo *Angústia, Romance e Salto*, expressa o pensamento de Schüler acerca desta questão:

Graciliano Ramos ignora os aspectos policiais do crime. Julião Tavares reprime aspirações vitais: modestas aspirações conjugais, relações sadias, palavras sensatas. Consentir-lhe a vida é submeter-se ao mal numa sociedade injusta. Quando a angústia se insinua, quando Luís da Silva, vítima da decadência coronelícia, vítima da administração pública, vítima da aparência, passa a sonhar com mais dignas formas de viver [...] Ao agir, Luís da Silva ingressa em vida culpada e responsável; reativa o movimento da história. O enredado, descendente de enredados, enreda. A vertigem final, consequência do crime, denuncia a ameaça do abismo aberto pela ação ousada. (SCHÜLER, 1993, p. 43).

Julião Tavares, para Luís, representa um mentiroso, um conquistador, um galanteador, um homem que usa seu poder e dinheiro para seduzir e iludir as mulheres e que, perante a sociedade, age tal qual um político corrupto. Movido por seu discurso, Julião ludibria a grande massa para tomar-lhe o que é seu. O próprio Luís percebia-se como uma vítima de Julião, bem como Marina, que após ter sido abandonada, precisara submeter-se a um aborto, ao mesmo tempo em que Julião iludia outras garotas para divertir-se. Desse modo, é

compreensível a raiva que sentia Luís e que tomava grandes proporções. Para ele, portanto, não é de todo infundada a ideia de assassinar Julião Tavares.

A cólera engasgava-me. Julião Tavares começou a falar e pouco a pouco serenou, mas não compreendi o que ele disse. Canalha. Meses atrás se entalara num processo de defloramento, de que se tinha livrado graças ao dinheiro do pai. Com o olho guloso em cima das mulheres bonitas, estava mesmo precisando uma surra. E um cachorro daquele fazia versos, era poeta. [...] A loquacidade de Julião Tavares aborrecia-me. Uma voz líquida e oleosa que escorria sem parar. A minha cólera esfriava, o suor colava-me a camisa ao corpo. [...] Julião Tavares falou sobre política do país. A enxurrada cobria-se de nódoas de gordura, que se alastravam. Ia lá discutir com aquele bandido? O meu desejo era insultá-lo. (RAMOS, 2005, p. 91-92).

Essas passagens ilustram as acusações de crimes sexuais de autoria de Julião Tavares e à ação corrupta deste para livrar-se da responsabilidade delas. Também evidencia a repugnância que sentia Luís por Julião.

Se um indivíduo configura perigo para a sociedade e pode vir a agir em seu detrimento, colocando os cidadãos em risco, ao Estado cabe o dever de providenciar a segurança da população e promover o alijamento desse indivíduo do meio social, práticas legais que se baseiam nos direitos de ir e vir dos demais cidadãos de forma segura. Neste caso, Luís da Silva, que é um redentor, toma para si a incumbência do Estado e separa este indivíduo do convívio com os demais, mas o faz, tirando-lhe a vida.

Dessa forma, a mente de Luís acusa a ideia irrefutável que Julião Tavares não tem valia, não deve conviver em sociedade, enfim, não merece viver.

A partir desses dados, está construída a primeira hipótese a respeito da motivação de Luís para cometer o crime do romance *Angústia*. Luís sentiu o ímpeto de salvar a humanidade, pois tinha diversos motivos para tal, pessoais e coletivos. Todavia, cometeu o crime a seu modo: acanalhado, às escondidas, na escuridão e em lugar ermo. Dessa forma motivado, à luz de Freud, Luís da Silva pouparia a humanidade de tomar providências para livrar-se de Julião e para evitar o convívio com ele, portanto, pouparia à humanidade o sentimento de culpa, que passa a ser só dele. Luís seria o redentor, o salvador, um homem que age à maneira de Cristo, para o bem da coletividade.

4.2 Segunda: Livrar-se de seu rival Julião Tavares

Está clara a inferioridade de Luís frente a Julião Tavares, conforme tão fartamente é claro no romance *Angústia*, uma vez que é escancarado o comportamento de Luís, tal qual um rato.

O trecho abaixo ilustra o sentimento de inferioridade que sente Luís da Silva diante de Julião Tavares, surgido desde seus primeiros contatos:

O outro sujeito inútil que nos apareceu era muito diferente. Gordo, bem vestido, perfumado e falador, tão falador que ficávamos enjoados com as lorotas dele. Não podíamos ser amigos. Em primeiro lugar o homem era bacharel, o que nos distanciava. Pimentel, forte na palavra escrita, anulava-se diante de Julião Tavares. Moisés, apesar de falar cinco línguas, emudecia. Eu que viajei muito [...] metia a viola no saco. [...]

Além disso Julião Tavares tinha educação diferente da nossa. Vestia casaca, freqüentava os bailes da Associação Comercial e era amável em demasia.[...]

Diante dele eu me sentia estúpido. Sorria, esfregava as mãos com esta covardia que a vida áspera me deu e não encontrava uma palavra para dizer. (RAMOS, 2005, p. 58-59).

Essa hipótese seria a mais razoável dentre as três apresentadas. Destaca-se nessa possibilidade, a motivação de Luís, exclusivamente pessoal, e não colaboram para a morte do bacharel Julião outros fatores além da inveja, da mesquinharia daquele e da inferioridade que sente perante Julião.

Diversos dos estudiosos que se dedicaram ao assunto assim pensam, conforme mostrarei nas linhas subseqüentes. Cristiane Guimarães Arteaga, cuja dissertação de mestrado, de título *A alma russa de um nordestino: Graciliano Ramos leitor de Dostoiévski*, colaborou muito para a elaboração deste estudo, principalmente por aproximar os dois autores, tanto no aspecto particular de suas vidas, quanto nos pontos comuns de suas obras, o que vem iluminar a teoria que aqui busco desenvolver. Cristiane, quando discorre sobre a morte de Julião Tavares, declara:

Por tudo isso, por tudo que Julião Tavares possuía, por tudo que ele representava em oposição ao nada que era Luís da Silva é que Julião Tavares merecia morrer. A morte, por estrangulamento (p. 190), não soluciona a sensação de inferioridade de Luís, mas suaviza-a na medida em que Julião Tavares não mais o pode afrontar e duvidar que ele seja um homem. Um homem sim. [...]

Eis como fica nosso herói após o crime, que, sob o pretexto da passionalidade, esconde-se o seu verdadeiro motivo. Luís da Silva não mata por Marina. Luís da

Silva mata Julião Tavares pela sua superioridade. Mata-o por ele ter tudo e Luís, nada. Mata-o para ser menos inferior, para sentir-se superior, mas após o crime, percebe a impossibilidade de mudança. Então, resta-lhe a resignação: 'Habituar-meia. A gente se habitua em toda a parte. Dorme à beira das estradas, nos bancos dos jardins.' (p. 213) (ARTEAGA, 2005, p. 50-51)

Outras passagens da dissertação de mestrado de Arteaga ilustram a motivação de Luís e corroboram a ideia do crime em prol de seu bem-estar:

O motivo para o assassinato de Julião Tavares é o ciúme paranóico de Luís da Silva, sendo o móvel, Marina.' No entanto, é impossível atribuir somente a Marina o motivo da morte de Julião Tavares. Luís o mata por outros motivos entre os quais Marina está incluída, mas não é nem de longe o motivo central. Há toda uma referência sobre a gordura de Julião Tavares, em oposição à magreza nordestina de Luís da Silva, que, apesar de mais inteligente, não é elogiado como Julião Tavares. Além de gordo, Julião é rico e tem mulheres enquanto Luís vive humildemente e não consegue relacionar-se com o sexo oposto. Sua inaptidão para relacionamentos amorosos é explícita, [...] (p. 66)

Segundo Arteaga, Julião Tavares significa a opulência, a abundância; ele é a concretização de todas as opressões que maltratam Luís da Silva. De fato, Julião Tavares sempre está em situação vantajosa em relação a Luís. Julião é rico, Luís é pobre. Julião é eloqüente, Luís é quieto, não se impõe, fala baixo; Julião é gordo, Luís é magro, portanto pequeno, ocupa pouco espaço, nos cantos; Julião é conquistador, um sedutor de mulheres, Luís é tímido, inseguro, precisa dos serviços das prostitutas para sentir-se homem e, quando conquista uma mulher que o deseja, atravessa-se Julião Tavares no seu caminho e a toma para si.

Na noite do crime, Luís, que estava nervoso, sentia incontrolável necessidade de fumar. Apalpava seus bolsos à procura da nicotina e não encontrava. Então vê Julião Tavares acendendo um cigarro e o odeia mais ainda por esse fato. Conforme Arteaga, esse foi mais um motivo de afronta, de humilhação por parte de Julião vitimando Luís. O cigarro simbolizou novamente, e em uma situação desesperadora para Luís, que Julião tinha tudo, e ele, nada. Dessa forma, Luís não consegue evitar o crime. O cigarro pode ter sido a gota d'água para o assassinato ter ocorrido.

Longe de ser um crime passional, o assassinato de Julião Tavares é um crime de auto-afirmação, que evidentemente não se concretiza. É impossível para Luís obter sua identidade de indivíduo, mesmo com a ausência de Julião Tavares, pois não é ele o responsável pela sua nulidade individual. [...] Impedido de integrar-se, a 'solução' de Luís da Silva é acabar com o 'culpado' de seu duplo malogro: 'O assassinato lhe parece como a única maneira de afirmar uma liberdade sempre desejada e jamais alcançada, a única forma autêntica possível de romper com a alienação.' (ARTEAGA, 2005, p. 66-69)

Um ponto importante a respeito dessa questão é a concretização de toda a inferioridade de Luís que Julião Tavares representa, pois sua existência lembra àquele, o tempo todo, como é inferior, o quanto é um nada e um pobre-diabo.

Luís é um homem recalcado, amargo, invejoso, pois desaparece diante de figuras que se destacam, e só pode ocupar espaço e ser digno de vida se essas figuras que o intimidam anularem-se.

Conforme já mencionado, Luís da Silva tem grande afinidade com a personagem o Homem Subterrâneo, de memórias do subsolo, uma vez que ambos são fracos, covardes, vingativos. Ainda que a personagem russa apresente autoconfiança e autoestima elevada, claro está que as duas são encolhidas, têm problemas de convivência e, diante de pessoas que se sobressaem, seu sentimento de incapacidade vem à tona e machuca.

O Homem do Subterrâneo diz-se um homem doente, mau, desagradável. Ele tortura-se o tempo todo e sente necessidade de causar sofrimento a si mesmo, aliás, percebe-se que ele sente prazer com a autotortura. Ele é um ser parasitário e, portanto, fraco, porque a sua identidade depende da negação do outro. O Homem Subterrâneo é, portanto, a representação do ressentido que, conforme Nietzsche, só existe como parasita do outro, mesmo que seja sob a forma de negação. Esta negação é necessária para sua autoafirmação; o agente da negação é um ressentido, portanto, um vingativo. O vingativo é fraco porque é impotente para se desembaraçar de suas vivências negativas, metabolizá-las. Ele não consegue esquecer o mal que lhe causaram. O ressentido sente sempre o mesmo, isto é, ressentido, permanentemente. Ele é um sofredor e pensa que, se sofre, alguém é culpado por seu sentimento.

Assim, um olhar sobre a personagem de Memórias do Subsolo remete imediatamente a Luís da Silva. É gritante a semelhança entre eles, conforme já mencionado. Luís é exatamente como o Homem Subterrâneo: fraco, amargo, parasita, vingativo. O Homem Subterrâneo precisa vingar-se de seu inimigo, todavia, apesar de toda a energia que gasta planejando ações vingativas, pouco consegue realizar, tamanha é sua fraqueza e covardia. Luís também se consome em pensamentos que demonstram que é incapaz de metabolizar suas experiências negativas, suas perdas. Seu desejo de vingar-se de Julião gera-lhe a ilusão de que, se assim agir, conseguirá viver em paz. Então, ele precisa destruir Julião porque ressentido e, vingativo que é, para existir, precisa anular Julião. Dessa forma, comete o crime, porém o faz, covardemente, às escondidas, por meio de ações próprias de um ser acanhalhado, como ele mesmo se autodenomina, já que não possui a coragem para impor-se de maneira nobre, corajosa.

4.3 Terceira: Luís da Silva já era vítima do sentimento de culpa antes de cometer o crime

A terceira motivação ocorreu-me quando buscava em Freud a explicação para entender as demandas, os fantasmas e o sofrimento da alma de Luís da Silva. A leitura de *Angústia* e o conhecimento da personagem, que alcancei com a ajuda dos diversos estudiosos que iluminaram este trabalho, ajudaram-me a perceber que a alma humana é mais complexa que inicialmente eu supunha. Luís da Silva enquadra-se nesta classificação, de forma que pode ser comparado a um ser humano, tendo em vista a elaboração da personagem, a sua profundidade e as elucubrações de sua consciência a que temos acesso, graças à mão e à mente fértil de Graciliano, e, claro, a sua genialidade criativa. Há que se lembrar que Graciliano, conforme muitos já disseram, é mestre em explorar, em desvendar e em traduzir a alma humana, e mesmo usando de linguagem objetiva, às vezes seca, tem talento especial para essa arte. Comparado então, à riqueza humana, Luís da Silva está sujeito a toda uma série de intempéries sentimentais e emocionais a que estamos todos expostos.

Com efeito, Luís da Silva, julga-se um ser incapaz, nulo, covarde e pobre em todos os aspectos. Pouco importa se ele é, de fato, tão insignificante como descrito; importa termos ciência da opinião que ele tem de si próprio, que é o que desencadeia todas as suas condutas e a forma como age. Conforme abundantemente mencionada, essa convicção é a pior possível e ele não acredita que pode melhorar. As lembranças da infância, os fatos pretéritos, a história de seus antepassados, do pai, do avô e de tantas personagens remotas que se encontram no romance, são trazidos pela memória de Luís, que reconstitui o passado para apresentá-las ao leitor e assim justificar a pessoa que é. Todas essas informações estão a serviço da história do protagonista, que é produto de um menino oriundo do interior nordestino e descendente de uma geração coronelícia de decadentes.

Dadas essas considerações, é possível afirmar, com base em Nietzsche, que Luís da Silva é um ressentido e, por isso, precisa buscar um agente culpado para o seu sofrimento. No caso dele, o culpado era Julião Tavares, a quem atribui a total responsabilidade por seus infortúnios. Por isso Julião Tavares deve morrer.

Algumas outras considerações são necessárias para a construção desta hipótese e futuras conclusões.

4.3.1 Raskólnikof e Luís da Silva

Na esteira das supostas motivações de Luís da Silva julgo interessante abrir um breve parêntese com o intento de comparar sua conduta à de Raskólnikof, do romance *Crime e Castigo*.

Constatadas diversas semelhanças entre Graciliano Ramos e Dostoiévski, impossível desenvolver esse estudo sem recorrer a elas. Interessante trazer neste contexto o que escreveu Arteaga a respeito da conduta de ambas as personagens dos dois escritores. Essa autora analisa os motivos que fizeram com que os protagonistas de *Angústia* e de *Crime e Castigo* cometessem seus crimes e compara também o desenrolar dos fatos, pós-crime, bem como o estado emocional dos assassinos em consequência de suas condutas.

Não se encontra em Raskólnikof indícios de baixa auto-estima, como há em Luís da Silva, pelo contrário. Sua vontade de fazer-se superior é que motiva o crime contra a agiota Alena e sua irmã. [...]
Os crimes, cujos motivos aparentes são roubo e passionalidade, escondem outros segredos. Raskólnikof mata para ser mais; Luís, **apenas para ser** (grifo nosso). [...]
Para todo o crime há um castigo e, para o crime de Raskólnikof, o castigo é a angústia, como nos coloca o narrador de *Crime e Castigo* (Dostoiévski, 1996 p. 63): [...] 'para Luís da Silva, é a angústia que o faz cometer seu crime, ou seja, se, para Raskólnikof, a angústia é consequência do crime; para Luís, ela é a causa (ARTEAGA, 2005, p. 63-64).

Se, segundo Arteaga, Luís da Silva cometeu o crime apenas para ser, porque julgava-se inferior, essa ideia vai ao encontro das opiniões de tantos estudiosos que se detiveram no comportamento da personagem, conforme mostrado no item acima de número 4.2 deste trabalho.

As semelhanças e diferenças entre o que ocorre com Luís da Silva o que se dá com Raskólnikof, após a prática do crime devem ser consideradas:

Ródia percebe que é um felizardo porque tem o amor de sua família, que o estima, um amigo verdadeiro, uma aparência agradável e o amor sincero de Sônia. Apesar disso, angustia-se muito, uma angústia asfíxiante que só termina com a expiação e o amor. Luís. Por seu lado, não possuía nada: beleza, amor, família, fé. Seu tormento é muito mais intenso, pois não há cura para seu mal. [...] essa é a diferença primordial entre eles: há, ainda que com longos e dolorosos sacrifícios, uma nova vida para Raskólnikof, enquanto que para Luís não. A mediocridade de Luís, que mata para ser alguém, permanece, pois ele não tem uma segunda chance. [...]
A angústia de um se inicia com o crime; é o seu castigo. Para outro, a angústia é o fator gerador do crime. [...] a angústia do herói brasileiro é muito mais dura que a do russo, uma vê **que não há perspectiva de recomeço para Luís da Silva**. (grifo nosso) (ARTEAGA, 2005, p. 56-57).

Assim, Raskólnikof, que matou para ser superior aos outros, após o baque que sentiu comentando o crime e sofrendo suas conseqüências, torna-se mais humilde e percebe a sua condição humana, a sua “normalidade” e adquire, mesmo sendo punido, a esperança de uma nova vida. Já com Luís, não é isso o que ocorre e seu pesar é bastante maior.

Na citação acima fica clara a distância entre ambos no que diz respeito à motivação e à forma de ver os fatos, bem como à postura perante a vida de cada uma das personagens. Várias transcrições de outros autores, apresentadas neste trabalho, apontam para um forte sentimento de baixa autoestima em Luís da Silva. Cite-se Antonio Candido, um dos teóricos que dá ênfase a essa característica da personagem. Assim, diversas são as opiniões que concluem que a fraqueza de Luís da Silva, seu sentimento de inferioridade, a situação de perdedor e a pequenez que se percebe diante de Julião Tavares conduzem-no, covardemente, a encontrar uma suposta saída para essa situação e, assim, acabar com a vida do rival, o que lhe permitiria ocupar o seu lugar, não se deixar humilhar por ele, não ser novamente vítima do seu poder, ou, ao menos, viver sem o tormento que a existência de Julião representava.

No final do último parágrafo do trecho acima, no entanto, Arteaga parece acreditar que possa Luís da Silva ter sido tomado por outra motivação que o teria conduzido à prática ilícita, quando diz que, para ele a angústia é o fator gerador do crime. Nessa passagem, ela traz o mal-estar de Luís antes da prática do crime. Chamo a atenção aqui para o fato de essa angústia estar muito misturada ao sentimento de culpa que ele sente.

Arteaga faz uma reflexão sobre as motivações de Luís da Silva e, quando as compara às de Raskólnikof, percebe como ambos agem de com motivações distintas. Então reafirma que “Luís da Silva é uma personagem bastante diferente de Raskólnikof, mas comete o mesmo ‘pecado’”. **Para ele, no entanto, a angústia acontece muito antes do crime, é, por assim dizer, sua motivadora.** (grifo nosso). (p. 65).

Arteaga, que elabora um estudo aprofundado sobre os estados psíquicos e também aborda a culpa sentida por Luís da Silva, vai além e traz considerações sobre a angústia, que segundo ela, é “o resultado do desequilíbrio entre o desejo e a falta.” (p. 45). A angústia, para ela:

[...] está associada à cólera, à punição do supereu, [...] acarretando o famoso sentimento de culpa. Para saciar a ‘culpa’, o sujeito se sente obrigado a sofrer, a ser punido. O supereu, então, torna-se extremamente cruel, fazendo o indivíduo autopunir-se pelo ato praticado, ainda que sob a hipótese de pensamento. [...] O problema é quando o sujeito, ao utilizar a angústia não mais como um meio de

proteger-se, vive em estado de angústia, caracterizando a psicopatologia.” (ARTEAGA, 2005, p. 45).

Nas últimas linhas do excerto acima, é notável a ação motivadora que Arteaga diz acometer Luís, a qual dá conta da terceira hipótese lançada neste capítulo que especula que a personalidade de Luís da Silva e o sentimento de culpa que sente conduziram-no à autoria do crime, ou seja, a consequência do crime seria a sua causa, e não o contrário. Dessa forma, Luís teria se tornado criminoso em consequência do sentimento de culpa do qual é vítima, conforme o estudo de Freud no ensaio *Criminosos em Consequência de um Sentimento de Culpa*, que ilumina este trabalho. Se este é o caso, pessoas em mesmas condições que ele cometeriam outros delitos porque precisariam de uma válvula de escape, precisariam extravasar o sentimento que as vitima. Assim, permito-me interpretar em linguagem de leigo o que a psicologia e a psicanálise certamente tratam em termos técnicos, enfim, esses criminosos precisam justificar o que sentem, afinal, sofrem em consequência de um conflito inconsciente, por isso buscam e dão causa a um motivo pelo qual sofrer. No caso de Luís da Silva, o motivo é o homicídio cometido.

O pensamento de Scliar corrobora a construção que acabo de elaborar. A fim de elucidar Raskólnikof, Scliar buscou auxílio em Freud:

Levado para a prisão, Raskolnikov espanta-se com o abismo que o separa dos demais criminosos. Como ele teria sido feliz, diz-nos o narrador, se pudesse assumir a culpa. Temos aí um notável paradoxo: Raskolnikov sente-se culpado por não se sentir culpado, por não poder sofrer e chorar, coisas que são, afinal, manifestações da vida. É o inverso da situação observada por Freud: em alguns delinquentes, diz ele, existe um sentimento de culpa antes mesmo do delito, culpa esta que é a causa, e não a consequência, do referido delito. Ou seja, o criminoso comete o crime porque sente-se culpado: é um alívio poder atribuir o sentimento inconsciente de culpa a uma transgressão real. A realidade, ainda que criminosa é a rota de fuga para que o culpado possa escapar de seu Superego. Já Raskolnikov tentou colocar-se acima da culpa, negando-a pela arrogância, afirmando a si próprio que culpa é coisa para fraco. Mas, como era de se esperar, fracassou. Matou a velha “inútil”, mas não matou a culpa; apenas recalcou-a para o inconsciente, de onde agora ela retorna, sob a forma de sofrimento atroz (SCLIAR, 2007, p. 142-43).

4.3.2 Destinos distintos – Redenção

Arteaga (2005), quando aborda o pós-crime e o estado emocional dos dois agentes dessa conduta, assevera:

Mesmo com motivações divergentes, as conseqüências são semelhantes: uma perturbação mental, que afeta a consciência, deixando-os sem memória, sem raciocínio, especialmente após cometerem seus crimes. É como se, ao cometê-los, perdesse, a própria identidade. Identidade que buscavam através desse ato que, ironicamente, a rouba. Não há como ser o mesmo após cometer um assassinato, indiferente de se crer ou não num inferno. A mente fica confusa e já não há possibilidade de remediar o fato, impossível ressuscitar alguém. Por isso o delírio de Luís da Silva, após o crime. [...]. Após o crime, essa angústia só aumenta, pois, para Luís, não existe 'salvação' (ARTEGA, 2005, p. 64-65).

Nesse contexto, a estudiosa refere o quanto fez diferença para a personagem de *Crime e Castigo* a fé cristã que possuía, diferente de Luís da Silva, que é ateu e não vê possibilidade de receber o perdão divino e assim sentir-se melhor. Quem crê em Cristo e arrepende-se de seus pecados, os tem perdoados e, ao menos na esfera religiosa, encontra um consolo, um alento para viver, que é o caso de Raskólnikof. “Encontramos em Raskólnikof, como em outras personagens, a essência de seu criador: a salvação cristã, a possibilidade de ressuscitar como Lázaro” (ARTEAGA, 2005, p.78).

A dissertação de Arteaga contempla os criadores de Luís da Silva e de Raskólnikof, ou seja, Graciliano Ramos e Doistoiévski, daí que aborda a influência das crenças e da ideologia dos escritores nas suas personagens. Doistoiévski, que na vida acaba por assumir-se cristão, concebe uma personagem que teme a Deus, que se consola e fica em paz no final da obra, graças à sua fé. Já Graciliano, assumidamente ateu, não dá à personagem Luís da Silva o privilégio de crer em Deus e por isso Luís padece. Isso posto, mesmo que na esfera moral a dívida de Luís fosse paga com sua prisão e pagamento de pena, na esfera religiosa ele não teria salvação. Assim sendo, não há cura para o seu mal.

[...] percebe-se que há salvação para quem crê nos princípios religiosos, que não é o caso de Graciliano, assumidamente ateu. Embora pouco tenhamos nos detido na questão religiosa, sabe-se o quanto é cômodo acreditar que a felicidade virá no reino no céu. Por isso, torna-se mais fácil para Raskólnikof acreditar num futuro, apesar de terminar a história preso. Luís da Silva, ao contrário, é um cético, não dispõe da felicidade divina para compensar a tragédia da vida na terra. Também não desfruta da juventude, da beleza ou do afeto familiar. É um infeliz e, como tal, só pode esperar infelicidades (ARTEAGA, 2005, p. 84-85).

Luís temia, da mesma forma que Raskólnikof, que encontrassem sangue em suas vestimentas, sangue do qual nunca mais poderia limpar-se, uma vez que sente permanente necessidade de lavar as mãos. Semelhante àquele, ouve barulhos estranhos, trata mal as pessoas, julga que todos o observam e estão em seu encalço. Ambos os assassinos não têm mais sossego, não levarão mais uma vida normal enquanto forem atormentados pelo sentimento de culpa que os corrói, porém, Raskólnikof tem chances de superar tudo isso e de

sentir-se bem. Luís da Silva, todavia, está completamente só, não existe um Deus que o protege e perdoa, não tem salvação. Viverá de forma animal, sentindo-se o último dos homens, um rato, um ser abjeto. Para ele não há saída, não há uma entidade, seja a justiça no mundo real, seja um ser superior, onipresente, onipotente e onisciente, que o julgará por seus pecados e o absolverá, se arrependido ele estiver.

Podemos pensar, então, que, uma vez que Luís da Silva não é descoberto e não confessa o crime, sua angústia é desmesurada e ele dialoga sozinho com um sentimento dilacerante e cruel, que o faz perder o sono e a vida. “A morte de Julião Tavares não consegue resgatar a vida que, na verdade, ele nunca possuiu” (ARTEAGA, 2005, p. 69). Segundo Arteaga, que é estudiosa dos dois escritores e de suas personagens, uma hipotética felicidade se vislumbra no final de *Crime e Castigo*, o que não ocorre no final de *Angústia*, porque não há sinais de que Luís, que não é preso e nem acusado pelo crime do qual foi autor, consiga encontrar a paz. “É como se Luís, mesmo que pudesse escapar da cadeia, não pudesse escapar de sua consciência e, conseqüentemente, estivesse condenado à eterna infelicidade” (ARTEAGA, 2005, p. 73).

Dessa forma, o sofrimento de Luís é gigantesco; torna-se delírio, loucura. O tempo, que já não é linear no romance, perde-se no final e o leitor fica confuso diante dos fatos. Luís, febril, recolhido em seu quarto, sozinho, não consegue mais conduzir a vida da forma que fazia anteriormente. Sua vida, que já era confusa, devido às suas perturbações pós-crime, fica pior e a paranoia, que se junta ao medo de ser descoberto, o atormenta num debate sem fim.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os textos de Freud, principalmente *Dostoiévski e o Parricídio e Criminosos em Conseqüência de um Sentimento de Culpa*, são peças-chave para o embasamento deste desfecho, por meio do qual concluo que muitos dos criminosos, por razões inconscientes e, muitas vezes, incompreensíveis para leigos nas ciências que tratam da psiquê, aceitam a condenação por um crime que não cometeram. Aceitam-na por julgarem-se merecedores de algum tipo de castigo, mas que não corresponde ao crime praticado. Crime, erro, conduta reprovável, desejos, instintos inconscientes, vontades de qualquer natureza, (de matar o pai, de ter relações sexuais incestuosas, de ter simplesmente relações com alguém que não lhe é permitido), enfim, demandas que, no julgamento deste indivíduo são reprováveis, seja pela moral, pela religião ou por algum tabu que impera em sua sociedade. O indivíduo que sofre por essas contorções dos seus estados de consciência sente-se tão mal – e a angústia é a sensação mais presente – que não consegue equilibrar sua mente. O superego, que reprova suas atitudes impulsivas que estão a serviço do id e as que racionaliza, a serviço do ego, acaba reivindicando a repressão a essas demandas e o sujeito só consegue descansar se receber punição. Não que ele queira essa punição, mas uma esfera inconsciente dele a deseja, ou seja, as demandas do superego imperam, exigindo o castigo. Dessa forma, ele não vê saída e acaba aceitando ser punido, mesmo que não tenha efetivamente praticado um crime. Uma vez punido, sente-se melhor porque é merecedor do castigo. Na verdade, cria-se um círculo vicioso: ele sofre devido ao castigo que recebeu, e recebeu-o porque deu causa a ele nas suas práticas “ilícitas” ou “imorais”.

Diante de todo o exposto, com o fim de dar fechamento a este trabalho, ratifico o acima exposto na busca de interpretar Luís da Silva e seu sentimento de culpa. O protagonista de *Angústia* sente-se merecedor de um castigo tão grande, não pelo crime que cometeu, mas por ser vítima de um sentimento de culpa que o torna inferior, abjeto, covarde e fraco e, em decorrência de todos esses fatores, indigno à vida em sociedade, ao casamento e ao amor de Marina. Assim, ele precisa de um pretexto para expurgar sua culpa.

Retomando as três hipóteses cogitadas, que teriam redundado na morte de Julião Tavares, há que se observar que se comunicam e, subjetivamente, apresentam características comuns. O sentimento de inferioridade, que motivou Luís a livrar-se de Julião está subentendido em todas elas.

Conforme preconiza a primeira hipótese, se fosse para redimir a sociedade, Luís precisaria percebê-la como vítima de um possível perigo, no caso, Julião Tavares. Integrando esta sociedade, também precisaria perceber-se como tal, portanto, em situação de fraqueza, de desvantagem em relação ao vilão que a ameaçava. Esta hipótese, consoante já abordado, diz respeito, principalmente, à condição pessoal de vítima de Julião Tavares em que se encontrava Luís. Se o crime tivesse sido cometido para salvar a humanidade, seria Luís, antes de qualquer outro, quem mataria Julião, posto que ele é o mais incomodado e o mais prejudicado da sociedade, no entanto, apesar disso e de ter percebido as injustiças que semeava Julião e a situação desfavorecida de terceiros provocadas por este, Luís não tomaria esta atitude porque não tem o sentimento de coletividade, nem coragem suficiente para tal ato. Em prol de outros, Luís, que sempre esteve envolto no seu próprio mundo, nos seus próprios tormentos, pouco percebendo, e muito menos agindo, motivado por causas alheias, não viria a sofrer mais do que já sofria.

A segunda hipótese para a motivação de Luís, ou seja, livrar-se de Julião Tavares, apesar de muito considerada, não se verificaria, da mesma forma, se observadas mais profundamente as posturas da personagem analisada. Luís não é um assassino em potencial, um psicopata que mataria simplesmente para tirar alguém do seu caminho. Em que pese o seu ressentimento e a sensação permanente de humilhação devida à Julião Tavares, ele não teria a coragem que um homicídio implica, mesmo que fosse para ver livres seus caminhos. Luís, covarde que é, precisaria de uma motivação muito pessoal para abraçar tão fortemente essa opressão, a qual anteriormente já existia e, com o crime tornou-se a sua justificativa.

Isso posto, apesar de as três possibilidades estarem muito misturadas, a terceira hipótese é a que se verifica. Luís matou Julião para punir-se, como julgava que merecia, e assim expiar a sua culpa.

Dessa forma, autorizada por Freud, reverto a situação, ou seja, permito-me olhá-la a partir de outro ângulo e fazer das consequências as causas. Luís sofre com a culpa, não porque cometeu homicídio, mas por ter sido autor de um crime de tal monta justamente porque era vítima de um sentimento de culpa. Na verdade, era e continuará sendo porque este é o seu estado enquanto vivo. Cometeu o crime, portanto, para justificar seu sentimento de culpa e para assim ter motivos de autoflagelar-se para o resto da vida. Em outras palavras, Luís sofria de forma contumaz, inconsciente, e esse mal-estar foi tomando força e se constituindo no Luís adulto, posto que nesta etapa começou, como todo homem, a construir uma opinião mais sólida sobre si mesmo e a ratificá-la, cada vez com mais convicção, de acordo com suas

posturas. Tudo isso pode ter sido um processo inconsciente por que ele passou e, posteriormente, quando elaborado, tornou-se consciente, já que, como diz Freud, o sentimento de culpa é consciente e dá-se no ego.

Aqui cabe lembrar a obra de Kafka, *O Processo* (2006), em que se dá fenômeno semelhante. A personagem Josef K. aceita a acusação de um crime que jamais cometeu e assume uma culpa que jamais teve, ignorando completamente o que o teria levado à posição de acusado, julgado e condenado. Conhecida a teoria de Freud sobre essas condutas, a leitura de *O Processo* desperta a suspeita de que Josef teria aceitado, como Dostoiévski, uma pena imposta por uma entidade poderosa, no caso, o Estado, para compensar seu sentimento de culpa. Assim seria punido e poupado de encontrar outra forma de autoflagelar-se.

Retomando as obras abordadas, comparado à Raskólnikof, Luís da Silva não tem salvação porque não tem fé e, portanto, nenhum consolo ou esperança. Raskólnikof, que encontra Deus, será perdoado e terá paz interior; já Luís, que não acredita em nada, nem em si próprio. Mesmo escrevendo um livro - tentativa que fez de expurgar a culpa, ou mesmo que ganhasse na loteria - pois assim julga que teria Marina de volta, não seria feliz, embora em suas fugas da realidade sonhasse com a felicidade que o dinheiro, milagrosamente, traria-lhe.

Luís da Silva é um exemplo do indivíduo que merece o castigo que lhe impõem. No seu caso, tendo em vista que seu crime não foi descoberto e ele não recebeu punição, quem lhe impõe o castigo é a sua própria consciência, que o impede de viver e que o conduzirá à loucura, porque não há outro fim que se imagina para ele. Se não tivesse matado Julião Tavares, Luís cometeria outro crime, de acordo com as situações que a vida lhe apresentasse, porque ele precisaria injungir-se castigo e padecimento.

REFERÊNCIAS

ARTEAGA, Cristiane Guimarães. **A alma russa de um nordestino: Graciliano Ramos leitor de Dostoiévski**, 2005, 91 f. Dissertação (Mestrado em Literatura Comparada). Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2005.

CANDIDO, Antonio. **Ficção e confissão: ensaios sobre Graciliano Ramos**. 3. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006. 151p.

CARVALHO, Luciana dos Santos. **Graciliano Ramos: a dor e a náusea**, 2009, 190 f. Tese (Doutorado em Literatura Brasileira). Programa de Pós-Graduação em Letras. Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS, 2009.

FERREIRA, Jair Francelino. **Do meio aos mitos: a tradição religiosa na obra de Graciliano Ramos**. Rio de Janeiro: Papel Virtual, 2004. 128p.

FREUD, Sigmund. Criminosos em consequência de um sentimento de culpa. In: **A História do Movimento Psicanalítico, artigos sobre a metapsicologia e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1996, p. 347-348. v. 14.

_____. Dostoiévski e o parricídio. In: **O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, p. 181-199, 2006. v. 21.

NIETZSCHE, Friedrich. **A genealogia da moral**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998. 161p.

RAMOS, Graciliano. **Angústia**. 61. ed. Rio, São Paulo: Record, 2005. 335p.

SANSEVERINO, Antonio M. V., Dyonélio e Graciliano. In: **Graciliano Ramos**. Porto Alegre: Secretaria Municipal de Cultura, 1993, p. 27-33.

SCHMIDT, Simone. Itinerário de uma Angústia. In: **Graciliano Ramos**. Porto Alegre: Secretaria Municipal de Cultura, 1993, p. 58-62.

SCHÜLER, Donald. Angústia, Romance e Salto In: **Graciliano Ramos**. Porto Alegre: Secretaria Municipal de Cultura, 1993, p. 39-44.

SCLIAR, Moacyr. **Enigmas da culpa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2006. 240p.

BIBLIOGRAFIA

CAMUS, Albert. **O estrangeiro**. 27. ed. Rio de Janeiro: Record, 2006. 126.

DOSTOIÉVSKI, Fiodor M. **Crime e castigo**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. v. 2. 1228p.

DOSTOIÉVSKI, Fiodor M. **Memórias do subterrâneo**. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. v. 2. 749p.

_____. **Os Irmãos Karamazov**. _____, 1994. v. 4. 1101p.

FREUD, Sigmund. Totem e tabu. In: **Totem e tabu e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 1974, p. 20-191. v. 13. 87p.

_____. **O futuro de uma ilusão**. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

_____. O mal-estar na civilização. In: **O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos**. Rio de Janeiro: Imago, 2006, p. 73-148. v. 2.

GIACOIA JÚNIOR, Oswaldo. **Nietzsche**. São Paulo: Publifolha, 2000. 88p.

KAFKA, Franz. **O processo**. Porto Alegre: L&PM, 2006. 83p.

_____. **Carta ao pai**. São Paulo: Companhia das Letras, 2007. 262p.

NIETZSCHE, Friedrich. **O anti-Cristo**. Lisboa: Presença, 1975. 136p.

RAMOS, Graciliano. **São Bernardo**. 87. ed. Rio de Janeiro: Record, 2008. 221p.

SHAKESPEARE, William. **Hamlet**. Porto Alegre: L &PM, 2004. 143p.

SÓFOCLES. **Édipo Rei**. Porto Alegre: L &PM, 1998. 104p.

TEORIA DA PERSONALIDADE. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Teoria_da_personalidade> Acesso em: 29 nov. 2009.

WALZ, Julio Cesar & GUEDES, Paulo Sérgio Rosa. **O sentimento de culpa**. Porto Alegre. 2007. 121p.